

DAISE MENEZES GUIMARÃES

**A METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS SOB UMA
PERSPECTIVA INTEGRADORA**

Uma nova abordagem das vertentes qualitativa e quantitativa

Belo Horizonte

2006

DAISE MENEZES GUIMARÃES

**A METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS SOB UMA
PERSPECTIVA INTEGRADORA**

Uma nova abordagem das vertentes qualitativa e quantitativa

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Otávio Soares Dulci

Belo Horizonte

2006

301 Guimarães, Daise Menezes
G963m A metodologia das ciências sociais sob uma perspectiva
2006 integradora [manuscrito]: uma nova abordagem das
vertentes qualitativa e quantitativa / Daise Menezes
Guimarães. - 2006.
81 f.
Orientador: Otávio Soares Dulci.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Sociologia – Teses. 2. Ciências sociais - Metodologia.
3. Pesquisa qualitativa - Metodologia - Teses. I. Dulci,
Otávio Soares. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



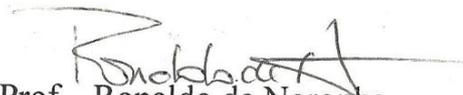
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 — CIDADE UNIVERSITÁRIA
CAIXA POSTAL Nº 253
31270-901 - BELO HORIZONTE — MG

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
DAISE MENEZES GUIMARÃES**

Aos 17 (dezesete) dias do mês de abril de 2006 (dois mil e seis) reuniu-se a Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado em Sociologia intitulada: “**A Metodologia das Ciências Sociais sob uma Perspectiva Integradora**”, composta pelos professores Ronaldo de Noronha (SOA-UFMG), Thomas Patrick Dwyer (UNICAMP) e Otávio Soares Dulci (Orientador/SOA/UFMG). Procedeu-se a argüição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da dissertação. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 17 de abril de 2006.

Banca Examinadora:


Prof. Ronaldo de Noronha


Prof. Thomas Patrick Dwyer


Prof. Otávio Soares Dulci

*Àqueles que, sem nada exigir, me permitiram
trilhar meu próprio caminho – meus pais.*

AGRADECIMENTOS

Quero compartilhar deste momento, que representa uma grande conquista para mim, com as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se realizasse. Nesse sentido, agradeço ao Prof. Otávio Soares Dulci, que orientou este trabalho e ofereceu boas oportunidades de reflexão sobre o tema. Obrigada pela contribuição, acompanhamento e confiança depositada ao longo de todo o processo.

Agradeço também aos professores membros da banca, que aceitaram participar das discussões do trabalho e colaborar para o esclarecimento das ideias aqui apresentadas. O Prof. Ronaldo de Noronha, que presenciou minha formação e o Prof. Tom Dwyer, que formou um vínculo com nossa instituição que ultrapassa as relações estritamente profissionais e pode ser percebido pelo carinho e pela atenção dedicados a todos os órfãos de Vinícius Caldeira Brant.

À Ângela Simões, pela dedicação, atenção e carinho que ofereceu durante a realização desta dissertação, trabalhando junto comigo, meus mais profundos agradecimentos. Agradeço também à Anilce Simões, que, sem medir esforços, cuidou do meu texto.

Aos professores e funcionários, que estiveram sempre prontos para contribuir para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

Agradeço, ainda, à minha família, pelo apoio e pela colaboração durante toda a realização do Mestrado. E aos colegas e amigos, pela amizade e pelo carinho que sempre permearam as nossas relações e, sobretudo, pelas profícuas discussões que me levaram à reflexão sobre o tema que se concretizou neste trabalho.

Toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico que, em aspectos importantes, não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes. Os princípios gerais encontrados em livros e artigos sobre metodologia são uma ajuda, mas, sendo genéricos, não levam em consideração as variações locais e peculiaridades que tornam este ambiente e este problema aquilo que são de modo único. Assim, o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde ele está e resolve os problemas que ele quer resolver.

Howard Becker

RESUMO

O predomínio da visão dicotômica das vertentes metodológicas, Qualitativa e Quantitativa, nas Ciências Sociais, tem alimentado preconceitos e estereótipos em relação a uma ou outra metodologia. Apresentam-se, aqui, algumas contribuições para o desenvolvimento de investigações que ultrapassem a visão dicotômica, que, por limitar a gama de opções analíticas a apenas duas possibilidades, já não satisfaz aos pesquisadores. Nesse contexto, a integração metodológica se apresenta como alternativa viável e promissora, já que viabiliza a abordagem do fenômeno social considerando seus múltiplos aspectos.

Neste trabalho, é analisada a configuração da dicotomia metodológica a partir das origens das Ciências Sociais, avaliando os elementos que contribuíram para a formação do antagonismo metodológico. Em seguida, desenvolve-se uma discussão em direção à desconstrução dessa visão, para, então, serem apresentados os argumentos que mostram a integração metodológica como opção viável e promissora nesse campo científico. Encontraram-se esses argumentos com a discussão de algumas pesquisas que põem em prática essa forma de trabalho investigativo.

Palavras-chave

Metodologia de pesquisa das Ciências Sociais – Metodologia Qualitativa – Metodologia Quantitativa - Integração Metodológica

ABSTRACT

The prevalence of the dichotomous vision of Qualitative and Quantitative methodological tendencies of Social Sciences has brought about prejudices and stereotypes in relation to one or another methodology. Some contributions are presented herein for the development of investigations that surpass this dichotomous vision that does not satisfy researchers and investigators, as it limits the range of analytical options to only two possibilities. In such a context, the methodological integration presents itself as a viable and promising alternative, since it makes possible the approach of the social phenomenon taking into consideration its multiple aspects.

In this dissertation, the methodological dichotomy configuration is analysed from the origin of Social Sciences on, appraising the elements which have contributed for the development of methodological antagonisms. Thereafter, a discussion toward the deconstruction of such a vision is developed, in order to present the arguments showing that the methodological integration is a viable and promising option in this scientific field. These arguments arise from the discussion of some researches that put into practice this form of investigative work.

Key words

Research Methodology of Social Sciences – Qualitative Methodology - Quantitative Methodology - Methodological Integration

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A INFLUÊNCIA DO MODELO DAS CIÊNCIAS NATURAIS SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS – A CONFIGURAÇÃO DA DICOTOMIA METODOLÓGICA	15
1.1 O contexto em que as Ciências Sociais emergem	15
1.2 O método nas Ciências Sociais	18
1.3 Durkheim e Weber	20
2 A METODOLOGIA QUANTITATIVA E A METODOLOGIA QUALITATIVA	27
2.1 Metodologia Quantitativa	28
2.1.1 Potencial da Metodologia Quantitativa	29
2.1.2 Problemas da Metodologia Quantitativa	30
2.2 Metodologia Qualitativa	32
2.2.1 Potencial da Metodologia Qualitativa	35
2.2.2 Problemas da Metodologia Qualitativa	38
2.3 A subjetividade como elemento que permeia as duas abordagens metodológicas	40
2.4 Controvérsias entre as duas metodologias	43
2.5 Especificidade do objeto das Ciências Sociais	45
3 SOBRE A POSSIBILIDADE DA INTEGRAÇÃO DAS METODOLOGIAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA	47
3.1 A integração metodológica proposta por Sam Sieber	51
3.1.1 Fase de elaboração do projeto	52
3.1.2 Fase de levantamento de dados	53
3.1.3 Processo de análise dos dados	55

3.1.4	Considerações de Sieber sobre a integração metodológica	56
3.2	A proposta de integração metodológica apresentada por Eduardo Bericat	58
3.2.1	A estratégia de integração via Complementação	58
3.2.2	A estratégia de integração via Combinação	59
3.2.3	A estratégia de integração via Triangulação	59
4	REFLEXÃO ACERCA DA APLICAÇÃO DA METODOLOGIA QUALITATIVA E DA METODOLOGIA QUANTITATIVA: OBSERVAÇÃO A PARTIR DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS EM PESQUISAS	61
4.1	A conjugação metodológica a partir do estudo realizado por Neuma Aguiar	62
4.2	Uma pesquisa em que o uso de métodos qualitativos e quantitativos de pesquisa se impôs: O diagnóstico cultural da Vila Senhor dos Passos	66
4.3	A permanência do ofício de alfaiate em contexto industrial: reflexões sobre um estudo qualitativo.....	72
	CONCLUSÃO.....	77
	REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

De uma maneira geral, *metodologia* significa *estudo do método*. No entanto, no campo científico, a palavra possui diversas acepções. Barros e Lehfeld (2000) classificam *metodologia* a partir de três enfoques: o epistemológico, o lógico e o técnico. Sob o *enfoque epistemológico*, metodologia está relacionada aos *princípios que norteiam a investigação científica*. Nesse sentido, metodologia seria uma meta-ciência, relacionada à forma de conhecer da ciência e aos meios utilizados para garantir validade científica ao conhecimento. No *enfoque lógico*, a metodologia ocupa-se da organização lógica do raciocínio, da estratégia ou caminho para se atingirem os objetivos traçados na pesquisa, estando, assim, relacionada à aplicação do método científico enquanto via de acesso à verdade. Como terceira possibilidade, o *enfoque técnico*, o termo metodologia diz respeito ao emprego de técnicas e procedimentos específicos no processo de investigação de um determinado objeto, ou seja, refere-se a um arsenal de instrumentos à disposição para efetivar uma pesquisa científica.

Além dessas três dimensões do termo, poderíamos, ainda, empregá-lo para designar a organização do conteúdo resultante de uma investigação científica. Assim, de caráter instrumental, o uso do termo estaria indicando os aspectos relacionados à apresentação dos resultados da pesquisa, ou seja, à organização formal do conteúdo, no que tange às normas técnicas de formatação e apresentação do documento final da pesquisa. A isso se atribui um quarto sentido possível de emprego do termo *metodologia*.

Analisando os significados que a palavra comporta, observa-se que, em qualquer de seus sentidos, a metodologia funciona como instrumento legitimador do conhecimento: é a partir de seu estabelecimento que se torna possível o desenvolvimento da ciência, pois é o método que irá nortear a prática científica. Conforme Habermas, “o resultado genuíno da ciência moderna não consiste na produção da verdade, mas em um método de chegar a um consenso voluntário e permanente.” (HABERMAS, apud ALEXANDER, 1987, p. 7). E Alexander (1987), ressalta que é a existência de tal consenso que permite às Ciências Naturais se dedicarem a questões empíricas, o que, segundo ele, não ocorre nas Ciências Sociais – nestas se observa a existência de um dissenso amplo permeando toda a produção científica, cuja consequência é a competição entre perspectivas teóricas.

[...] em sua aplicação social a ciência produz um desacordo muito maior. E porque esse desacordo amplo e persistente existe, os supostos fundamentais,

implícitos e relativamente invisíveis na ciência natural, irrompem vividamente na ciência social. As condições definidoras da crise do paradigma nas ciências naturais são a rotina nas sociais. (ALEXANDER, 1987, p.7)

Para Alexander (1987), a existência de acordos sobre a natureza precisa do conhecimento empírico e sobre as leis gerais explicativas, nas Ciências Sociais, é pouco provável, pois é recorrente, nessa área de conhecimento, a competição entre perspectivas fundamentais – daí o dissenso amplo que permeia toda a produção científica da área. E, “uma vez que os supostos fundamentais são tão visíveis, a discussão geral se torna parte integrante do debate nas Ciências Sociais, tanto como a própria atividade explicativa.” (ALEXANDER, 1987, p. 8).

É a esse fenômeno que Alexander (1987) atribui a divisão das Ciências Sociais em tradições e escolas. Mas cabe ressaltar que, para esse autor, a existência do dissenso não compromete a produção e a acumulação de conhecimento. Para sustentar essa idéia, recorre a Wagner que afirma ser possível acumular conhecimento sobre o mundo a partir de pontos de vista diferentes e em competição. (WAGNER apud ALEXANDER, 1987, p. 8).

Assim como ocorre no campo teórico, temos a existência de correntes concorrentes também no campo metodológico das Ciências Sociais, fenômeno que se configura nas vertentes Qualitativa e Quantitativa. Como consequência desse fato, temos a formação de uma visão dicotômica que alimenta preconceitos e estereótipos em relação a uma ou à outra metodologia. Alguns pesquisadores se nomeiam qualitativistas, enquanto outros se declaram quantitativistas, o que denota a separação entre abordagens.

Cabe observar que as duas metodologias, apesar das diferenças verificadas entre elas, não são, contudo, antagônicas. Em linhas gerais, a Metodologia Quantitativa caracteriza-se como a seguir:

1. Pressupõe uma população de objetos de observação (indivíduos, grupos ou instituições, e até mesmo sociedades) comparáveis entre si;
2. Permite trabalhar com grandes quantidades de dados;
3. Os dados podem ser organizados sob a forma de variáveis do tipo intervalar e de razão, as quais podem ser submetidas às técnicas de análise rigorosas e sofisticadas;

4. Permite a construção de descrições detalhadas, por meio dos modelos usados para testar as possíveis relações entre as variáveis, e, a partir daí, oferecer explicações para o fenômeno;
5. Responde mais facilmente aos pré-requisitos científicos.

Já a Metodologia Qualitativa tem as seguintes características:

1. Possibilita descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo;
2. Tem como principal objetivo a compreensão e a reconstrução da realidade social, a partir dos sentidos e das motivações das ações dos indivíduos;
3. Permite captar as dimensões subjetivas da ação humana;
4. Permite um detalhamento maior de observação - alguns autores indicam que a intensidade da observação pode suprir, em certa medida, a pequena amplitude da amostra;
5. Deve ser usada em situações em que a população-alvo é muito restrita para permitir o emprego do método estatístico;
6. Permite a elaboração de tipologias ou de categorizações e a construção de variáveis nominais e ordinais;
7. Segue os mesmos princípios lógicos dos estudos quantitativos;
8. É usada em estudos sobre questões teóricas.

Com base nas características acima, é possível observar que, por se tratar de duas metodologias, com especificidades e características próprias, não são concorrentes – na verdade, se adequam a realidades diversas, sendo que, enquanto uma se ocupa da abordagem do fenômeno a partir de uma perspectiva micro a outra se dedica a análise do fenômeno no âmbito macro.

Atualmente, tem-se constituído uma frente de trabalhos no campo das Ciências Sociais que vê a possibilidade de uso das duas metodologias – a Qualitativa e a Quantitativa – em um mesmo estudo. No entanto, apesar de apresentar inúmeras vantagens, tal alternativa metodológica é pouco explorada nas Ciências Sociais. Pretendemos, nesta dissertação, avaliar a possibilidade

da integração das citadas metodologias e discutir como essa proposta se insere no campo científico das Ciências Sociais.

Cabe ressaltar que essa é uma abordagem ainda em construção, sendo que, para sua consolidação, é necessária a desconstrução da visão – impregnada nas Ciências Sociais – de que as metodologias Qualitativa e Quantitativa são incompatíveis.

Muitos pesquisadores encaram as duas vertentes como concorrentes e excludentes, e ainda se discute a questão de qual seria a Metodologia própria das Ciências Sociais. Os manuais da área, em sua maioria, ou enfocam apenas uma vertente, ou dão maior destaque a uma em contraposição à outra. Esses fatores dificultam o desenvolvimento de uma proposta integradora.

No entanto, neste trabalho, partimos do pressuposto de que a integração das duas vertentes constitui uma proposta bastante viável e promissora, pois seu uso pode garantir um estudo mais aprofundado e detalhado do objeto. Considerando que cada uma das metodologias enfoca elementos diferentes de um mesmo objeto, usá-las concomitantemente poderia ampliar a capacidade analítica das Ciências Sociais, proporcionando um saber mais abrangente – e, por isso, mais completo – da realidade social. A utilização das duas metodologias ao mesmo tempo pode ajudar a clarear pontos obscuros do objeto focalizado: uma pode vir a sanar as limitações da outra, garantindo um conhecimento científico de maior validade e confiabilidade.

Com essa perspectiva em vista, iremos avaliar a possibilidade de aplicação efetiva dessa alternativa metodológica, no lugar de uma visão dicotômica observada nas Ciências Sociais.

Para compreender a formação dos dois eixos metodológicos, iremos, no Capítulo 1, avaliar o contexto em que surgem as Ciências Sociais, pois um fator importante para analisar o antagonismo metodológico é a influência do modelo das Ciências Naturais sobre as Ciências Sociais. Daremos enfoque à construção da proposta metodológica das Ciências Sociais a partir dos clássicos Durkheim e Weber, que estão entre os fundadores das Ciências Sociais, mas que assumiram posicionamentos diferentes em relação à validade do modelo das ciências naturais sobre as outras ciências.

No capítulo 2, daremos ênfase às características das metodologias Qualitativa e Quantitativa, demonstrando que tanto uma vertente quanto a outra seguem os mesmos preceitos e a lógica da pesquisa científica, ou seja, preenchem os requisitos científicos.

No capítulo 3, faremos uma apresentação das idéias de alguns autores que avaliam a possibilidade da conjugação metodológica – Aguiar (1978), Boudon (1989), Becker (1994), Cortes (1998). Estaremos, também, focalizando dois autores que apresentam publicações tratando diretamente da integração metodológica. São eles: Sieber (1973) e Bericat (1998).

No capítulo 4, serão apresentadas e analisadas pesquisas realizadas, em que as duas metodologias foram empregadas simultaneamente – ou isso como poderia ter sido feito. Enfocaremos o trabalho de Neuma Aguiar (1978), em *Observação participante e Survey: uma experiência de conjugação*, em que a autora analisa a experiência da integração metodológica em um estudo que realizou no Nordeste. Também usaremos dois estudos desenvolvidos, em que a integração metodológica foi identificada como um instrumento de análise necessário para sua realização. A partir desses estudos, propomos uma reflexão sobre tipos de abordagens a partir das características do objeto de estudo, com a verificação de como cada vertente pode contribuir na investigação sociológica. Além disso, defendemos a idéia de que podem ser utilizadas simultaneamente em uma mesma investigação, oferecendo bons resultados.

Para finalizar, apresentaremos nossas conclusões, buscando ampliar as discussões em torno da proposta de integração das metodologias Qualitativa e Quantitativa.

1 A INFLUÊNCIA DO MODELO DAS CIÊNCIAS NATURAIS SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS – A CONFIGURAÇÃO DA DICOTOMIA METODOLÓGICA

1.1 O contexto em que as Ciências Sociais emergem

O modelo de ciência sob o qual as Ciências Naturais se consolidaram expandiu-se para todas as áreas do conhecimento e se impôs como a forma mais adequada de atingir cientificidade. Parte-se do pressuposto de que, através do conhecimento das regularidades e uniformidades do fenômeno, é possível identificar-lhe as causas e, conseqüentemente, alcançar-lhe as leis gerais, o que permitiria dominá-lo e controlá-lo.

Propõe-se medir para compreender. Logo, *conhecer implica quantificar*. Além disso, o conhecimento resultante da investigação científica deve superar a subjetividade e o senso comum, não deve fixar-se em crenças ou dogmas – deve edificar-se sobre um saber que ultrapassa as experiências individuais e deve, ainda, garantir a possibilidade de verificação. Tal objetividade surge como fruto da medição.

O ideal de ciência positivista é um conhecimento causal passível de formulação de leis, à luz de regularidades observadas, cujo intuito é prever o comportamento futuro dos fenômenos. Visa um conhecimento que possa dar subsídio à manipulação do real, um conhecimento que seja utilitário e funcional, e que, além de tudo, possibilite dominar e transformar o mundo. É isso o que realmente importa à ciência moderna, são esses os pressupostos epistemológicos e as regras metodológicas traçadas pelo modelo positivista da ciência. (SANTOS, 1997, p. 16-17)

Esse ideal científico atravessa todas as ciências; havia a crença de que, da mesma forma como foi possível apreender as leis da natureza, seria possível, também, descobrir as leis dos fenômenos sociais.

Entretanto, o modelo positivista de ciência, apesar de plenamente aceito, apresenta certas dificuldades e limitações, para tratar o objeto das Ciências Sociais, uma vez que o fenômeno social se diferencia do objeto das Ciências Naturais. Na verdade, o modelo positivista não é adequado para tratar o fenômeno social, que, por sua complexidade e caráter subjetivo, não

permite que a ele se aplique o método científico, no formato proposto pelas Ciências Naturais. Um exemplo típico da impropriedade de uso de tal modelo para estudar o fenômeno social está em seu maior representante, o experimento controlado. As ambigüidades e lacunas que o fenômeno social insere tornam-no inadequado para o uso do paradigma cientificista que prega, por exemplo, o estudo do objeto a através de sua manipulação em um ambiente controlado. Discute-se, então, se o modelo das Ciências Naturais abrangeria também o fenômeno social, ou se as Ciências Sociais deveriam construir suas próprias bases metodológicas.

As opiniões são divergentes: alguns defendem um tratamento do objeto das Ciências Sociais a partir da análise dos aspectos qualitativos do objeto, outros reforçam a necessidade de quantificação para viabilizar a análise científica. Trava-se, então, uma discussão, bastante acirrada, em torno da metodologia mais apropriada, tendo em vista os preceitos científicos.

Segundo Santos (1997), essa polêmica erigiu dois eixos divergentes quanto à forma de abordar o objeto das Ciências Sociais. O primeiro parte do pressuposto de que as Ciências Naturais são uma aplicação ou concretização de um modelo de conhecimento universalmente válido – na verdade, o único válido. Portanto, quaisquer que sejam as diferenças entre os fenômenos naturais e os sociais, é sempre possível estudar os últimos como se fossem os primeiros.

Já uma segunda vertente alega que o objeto das Ciências Sociais possui especificidades que lhe são próprias e, por isso, exige tratamento diferenciado.

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais, pois tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações; para isto é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais; métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético. (SANTOS, 1997, p.21-22)

Ressaltando as especificidades do fenômeno humano, os defensores dessa vertente alertam para as diferenças entre o fenômeno natural e o fenômeno social, e propõem a Metodologia Qualitativa como a mais adequada para tratar o objeto das Ciências Sociais, pois, somente por meio dessa abordagem, seria possível alcançar o conhecimento das verdadeiras causas e motivações da ação humana.

Assim, por um lado, temos pesquisadores que defendem a proeminência dos métodos consagrados nas Ciências Naturais, ou seja, métodos quantitativos que proporcionam o distanciamento do objeto, fator necessário para alcançar a explicação do fenômeno e atingir um maior grau de objetividade exigido pela ciência. Por outro lado, há os que defendem a construção de uma metodologia própria para as Ciências Sociais, em bases qualitativistas, visando, principalmente, a compreensão do fenômeno social.

O acirramento das discussões e a separação, em duas frentes de abordagem se concretizam através da formação de escolas de tradições sociológicas de abordagens “*unimetodológicas*”. Esse é o caso da Escola de Chicago, que se tornou referência da pesquisa qualitativa.

Durante muito tempo observou-se a alternância de metodologias. No decorrer do século 20, a ênfase em uma vertente significava o quase total abandono do outro tipo de abordagem do objeto. O predomínio de uma vertente chegava ao fim, com o seu esgotamento e as evidências de suas limitações. Nesse momento, abria-se o espaço para uma reavaliação da outra abordagem metodológica, ocorrendo o quase total abandono da perspectiva anterior, iniciando-se um novo ciclo. Essa alternância será examinada capítulo 2 desta dissertação.

Alexander (1987), em “*O novo movimento teórico*”, analisa movimento pendular análogo, com referência a perspectivas teóricas concorrentes: esgota-se uma abordagem, outra entra em cena novamente, destacando-se suas qualidades, num processo dialético.

Nesse contexto, o desenvolvimento tecnológico contribui para dar destaques às técnicas de coleta e tratamento dos dados. A invenção do gravador favorece o registro e a conservação dos dados coletados em campo, ponto crítico na pesquisa qualitativa. Por sua vez, o computador permite um importante avanço na área da pesquisa quantitativa, que terá a seu dispor programas de tabulação, de tratamento e de análise dos dados, mesmo que em número maior. Mas o fator tecnológico, apesar de resolver vários problemas em relação ao processo de coleta e análise de dados, é apenas um coadjuvante, não prescindindo da figura do pesquisador.

As discussões e a polarização em duas vertentes sugerem, inicialmente, a possibilidade da escolha por uma ou por outra. Veja-se, no entanto, o trabalho de Boudon (1989) - *Os métodos em Sociologia*. Nesse texto, o autor apresenta a idéia de que é porque as Ciências Sociais se dedicam ao estudo de uma gama variada de problemas de diferente natureza lógica o que proporcionará a existência de uma grande diversidade de métodos para tratá-los. Assim, a

tentativa de definir a metodologia das Ciências Sociais é vã – há objetos que demandam, por suas características, o uso de abordagem qualitativa, enquanto outros pedem a aplicação de abordagem quantitativa, para sua análise.

Porém, ainda hoje, persiste a idéia de que um dos tipos de enfoque seria mais científico do que o outro, alimentando a permanência da dicotomia.

Um ponto crítico que também contribui para a existência desta polêmica diz respeito ao tratamento do aspecto subjetivo da ação humana nas Ciências Sociais. Enquanto a abordagem quantitativa prevê o isolamento deste aspecto, a vertente qualitativa destaca esse aspecto como importante para a compreensão do fenômeno social.

Pode-se observar que, desde os clássicos, o aspecto subjetivo da ação humana, sob um olhar científico, dá origem a leituras diferentes de como deve ser a abordagem do objeto das Ciências Sociais. Por um lado, alguns defendiam que o elemento subjetivo poderia comprometer o conhecimento científico, acreditando que isso contaminaria os resultados encontrados, invalidando o estudo. Preconizavam, então, o distanciamento do objeto, visando garantir o tratamento científico, o que só visualizavam como possível através de uma abordagem quantitativa. Já outros acreditavam que o aspecto subjetivo faz parte do objeto das Ciências Sociais e que seria um erro ignorá-lo, uma vez que, para acessá-lo, só mesmo através de uma metodologia qualitativa.

1.2 O método nas Ciências Sociais

Como mencionado anteriormente, o ideal de ciência que se havia consolidado acaba por se generalizar: muitos estudiosos acreditaram ser possível aplicar às Ciências Sociais as mesmas regras das Ciências Naturais. Pensou-se na possibilidade de se construir a Ciência Natural da Sociedade.

Como maior representante dessa corrente de pensamento – o positivismo nas Ciências Sociais –, Durkheim, assumindo os pressupostos e os cânones da ciência moderna, estabelece que é possível transpor as regras das Ciências Naturais para as Ciências Sociais, acreditando que os fenômenos sociais podem ser estudados como se fossem naturais. Para ele, é a existência do método que permite a análise científica dos fenômenos, de qualquer natureza. Segundo esse

autor, “[...] o tratamento metodologicamente adequado pode resultar em achados não esperados [...]” (DURKHEIM, 1995, p. XI)

Considerado um dos pais da Sociologia, Durkheim não vislumbra diferenças substantivas entre o objeto das Ciências Naturais e o objeto das Ciências Sociais. Para ele,

[...] os fenômenos sociais distinguem-se dos precedentes [fenômenos biológicos] apenas por uma maior complexidade. Essa diferença pode de fato implicar que o emprego do raciocínio experimental em sociologia ofereça mais dificuldades que nas outras ciências; mas não se percebe por que ele seria radicalmente impossível nesse caso. (DURKHEIM, 1995, p. 129)

Considerando o fato de o tratamento quantitativo permitir uma abordagem distanciada e controlada do objeto, além de possibilitar o afastamento entre pesquisador e objeto - isolando, assim, o fator subjetivo -, acreditou-se que esse era o único tratamento capaz de proporcionar o alcance da cientificidade preconizado pela ciência positivista. Durkheim conclui, então, que seria necessário que os fatos sociais fossem reduzidos às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis, e, nesse caso, o pesquisador deveria tratá-los como *coisas* – coisificando-os.

Já os defensores da metodologia qualitativa argumentam que o comportamento humano não é equivalente ao objeto das ciências da natureza, uma vez que suas especificidades tornariam impossível a compreensão desse comportamento através de seus sinais exteriores e objetivos.

Nessa outra vertente, Weber propõe que o elemento subjetivo da ação humana seja inserido na análise, pois acredita que esse fator poderia proporcionar uma melhor compreensão do fenômeno social, dado que uma mesma ação pode corresponder a sentidos de atuação muito diferentes. Somente a partir de uma abordagem compreensiva, pela investigação do real sentido da ação humana, com uma análise mais aprofundada do objeto e de suas interfaces, o pesquisador poderia conhecer as especificidades do fenômeno e oferecer uma análise mais apropriada da realidade. Nessa perspectiva, o uso de Metodologia Qualitativa parecia ser a mais adequada.

Tratava-se de criar as bases das Ciências Sociais. Questões como essas envolviam a discussão de como garantir a objetividade e lidar com o aspecto subjetivo da ação humana.

Como observado acima, faz-se importante retomar os clássicos Durkheim e Weber, autores-chave para a melhor compreensão dos princípios que regem as Ciências Sociais.

A escolha por esses autores deve-se a três fatos:

- a) são fundadores da Sociologia;
- b) posicionam-se de forma diferente em relação à validade dos pressupostos científicos das Ciências Naturais aplicados às Ciências Sociais;
- c) Criam as bases das Ciências Sociais sob óticas diferentes – enquanto Durkheim considera necessário operar a separação entre pesquisador e objeto, Weber propõe uma Sociologia compreensiva e influencia correntes que pregam a abordagem qualitativa do objeto.

Passemos, então, à discussão das Ciências Sociais, a partir de tais autores.

1.3 Durkheim e Weber

Fortemente influenciado pelo positivismo de Comte, Durkheim sugere que as Ciências Sociais se espelhem nas Ciências Naturais. Nessa perspectiva, propõe estender as regras do racionalismo científico ao estudo dos fenômenos sociais. Partindo da suposição de que a conduta humana pode ser encarada como composta de causa e efeito, acredita ser possível descobrir-lhe a motivação e prever tendências para o futuro.

Em “As regras do método sociológico”, o autor discute como seria possível transpor para a Sociologia as regras da ciência moderna. Com base no rigor positivista, estabelece que o pesquisador deve buscar noções claras, conceitos explicativos, sendo, além disso, necessário se afastar do conhecimento que se dá no primeiro momento, já que esse, atrelado às sensações, só permite impressões confusas, passageiras e subjetivas dos fenômenos, levando a um conhecimento inexato da realidade.

Com tais afirmações, Durkheim visa estabelecer os parâmetros científicos da Sociologia, ultrapassando o que poderia se transformar numa simples especulação sobre o fenômeno social. Cuidou, também, de diferenciá-la de outras ciências, sobretudo da Psicologia, estabelecendo seus limites e sua área de abrangência.

Afirma, ainda, que, para afastar a subjetividade do campo de estudo da Sociologia, deveria ocorrer a separação entre pesquisador e objeto, e o fato social deveria ser olhado como coisa, tal como ocorre nas Ciências Naturais. A postura isenta de pré-noções, requisito básico para se fazer ciência, é definida da seguinte forma por Durkheim:

Devemos, pois, considerar o objeto como coisa, sendo coisa todo objeto do conhecimento que não é naturalmente penetrável à inteligência, tudo aquilo de que não podemos fazer uma noção adequada por um simples procedimento de análise mental, tudo que o espírito não pode chegar a compreender a menos que saia de si mesmo, por meio da observação e experimentação, que no caso da sociologia se dá de forma indireta – pelo método comparativo – passando progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis aos menos visíveis e aos mais profundos. (DURKHEIM, 1995, p.XVII-XVIII)

Partindo do princípio de que a condição de toda objetividade é a existência de um ponto de referência, constante e idêntico, Durkheim define que a observação deve-se focalizar nos indicadores do fenômeno “[...] a moda que se inscreve nas roupas, os gostos nas obras de arte, os movimentos da vida cotidiana nos dados estatísticos.” (DURKHEIM, 1995, p. 32)

Para esse autor, é totalmente possível estudar o fenômeno social dentro dos parâmetros da ciência moderna, desde que se isole o fator subjetivo da análise científica. Ele acredita que as orientações sobre a abordagem do objeto não diferem de uma ciência para outra, não havendo, assim, necessidade de se criar outras bases para analisar o objeto das Ciências Sociais.

Entretanto, é importante apontar que, para Durkheim, existem dificuldades impostas ao pesquisador, em função das especificidades do objeto das Ciências Sociais. Nesse sentido, ele alerta:

É preciso abordar o reino social pelos lados onde ele mais se abre à investigação científica. Somente a seguir será possível levar mais adiante a pesquisa e, por trabalhos de aproximação progressivos cingir pouco a pouco essa realidade fugidia, da qual o espírito humano talvez jamais possa se apoderar completamente. (DURKHEIM, 1995, p. 47)

Preocupado em fornecer as diretrizes da Sociologia, Durkheim define os seguintes pontos que o pesquisador deve observar, para assegurar a realização prática da verdade na investigação sociológica:

1. O pesquisador deve, de imediato, descartar sistematicamente todas as pré-noções;

2. O objeto que investiga deve ser passível de identificação, através de caracteres exteriores que são comuns ao grupo de fenômenos observados;
3. Quanto mais completamente separados dos fatos individuais em que se manifestam, tanto mais os fatos sociais serão suscetíveis de serem objetivamente representados.

Weber, por sua vez, tem outra concepção sobre o objeto das Ciências Sociais e sobre a forma de abordá-lo. Um dos pontos que mais distancia esses dois pesquisadores diz respeito à *subjetividade*.

Enquanto, para Durkheim, a subjetividade deve ser afastada da investigação científica, Weber a considera como condição importante para a compreensão do fenômeno social, devendo ser incluída em sua análise.

Opondo-se à abordagem do objeto social como coisa, Weber traz para as Ciências Sociais uma noção diferente. Para ele, “o domínio do trabalho científico não tem por base as conexões ‘objetivas’ entre as ‘coisas’, mas as conexões conceituais entre os problemas.” (WEBER, 1993, p. 121). Sendo que

Não existe nenhuma análise científica totalmente ‘objetivada’ da vida cultural, ou – o que pode significar algo mais limitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para os nossos propósitos – dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa. Isso se deve ao caráter particular da meta do conhecimento de qualquer trabalho das ciências sociais que se proponha ir além de um estudo meramente formal das normas – legais ou convencionais – da convivência social. (WEBER, 1993, p.124)

Weber reconhece a validade dos princípios científicos já estabelecidos e sua aplicação para as Ciências Sociais. Não se trata de definir as Ciências Sociais em outras bases. O autor apenas destaca que a subjetividade não pode ser ignorada do estudo do fenômeno social, por ser parte constituinte desse fenômeno e por influenciá-lo diretamente. Na verdade, isso acontece porque o pesquisador, desde a definição do fenômeno até a forma como é realizada a abordagem do objeto, é influenciado por questões culturais e, nesse sentido, subjetivas. Ocorre que, para Weber,

O conhecimento científico-cultural, tal como o entendemos, encontra-se preso, portanto, a premissas “subjetivas”, pelo fato de apenas se ocupar daqueles elementos da realidade que apresentam alguma relação, por muito

indireta que seja, com o acontecimento a que conferimos uma significação cultural. Apesar disso, continua naturalmente a ser um conhecimento puramente causal, da mesma maneira como o conhecimento de eventos naturais individuais importantes, que têm caráter qualitativo. (WEBER, 1993, p.132)

Partindo da idéia de que o domínio do trabalho científico tem por base conexões conceituais entre problemas, Weber observa que o objetivo das Ciências Sociais é “[...]elaborar ‘uma ordenação conceitual da realidade empírica’.” (WEBER, 1993, p.110)

E, acreditando que “[...] uma das tarefas essenciais de qualquer ciência da vida cultural dos homens é, realmente, desde o início, a apresentação clara e transparente de suas idéias, para compreendê-las e para saber o porquê de se ter lutado por elas.” (WEBER, 1993, p.110), Weber define que o objetivo das Ciências Sociais deve ser procurar descobrir o porquê de os acontecimentos terem se desenrolado de tal forma e não de outra. Para ele, a intenção das Ciências sociais deve ser achar uma lógica para a ocorrência dos fenômenos sociais, buscando compreender a relação entre meios e fins da ação humana. Mas ressalta que

Para uma abordagem científica dos juízos de valor não é suficiente apenas compreender e reviver os fins pretendidos e os ideais que estão no seu fundamento, mas também, e, acima de tudo, ensinar a ‘avaliá-los’ criticamente. Esta crítica, no entanto, só pode ter caráter dialético; isto significa que só pode consistir numa avaliação lógico-formal do material que se apresenta nos juízos de valor e nas idéias historicamente dadas, e num exame dos ideais, no que diz respeito ao postulado da ausência de uma contradição interna do desejado. (WEBER, 1993, p.110-111)

Weber sugere que as Ciências Sociais se diferenciam das outras ciências. Para ele, o caráter particularizante das Ciências Sociais exigiria uma ciência sob outros parâmetros, pois, ao tratar de aspectos culturais, não seria possível alcançar leis gerais que orientariam o comportamento humano. Em sua visão,

Por mais que fosse possível interpretar o fundamento e o modo de obrigatoriedade dos imperativos éticos, é certo que, a partir destes imperativos, enquanto normas para a ação dos indivíduos condicionadas concretamente, é impossível deduzir, de maneira unívoca, conteúdos culturais que sejam obrigatórios, e tanto menos quanto mais forem abrangente os conteúdos em questão. (WEBER, 1993, p.112)

Weber descreve o objeto das Ciências Sociais da seguinte maneira:

Os problemas culturais que fazem mover a humanidade renascem a cada instante, sob um aspecto diferente, e permanecem variáveis: o âmbito

daquilo que, no fluxo eternamente infinito do individual, adquire para nós importância e significação e se converte em “individualidade histórica”. Mudam também as relações intelectuais, sob as quais são estudados e cientificamente compreendidos. Por conseguinte, os pontos de partida das ciências da cultura continuarão a ser variáveis no imenso futuro, enquanto uma espécie de imobilidade chinesa da vida espiritual não desacostumar a humanidade de fazer perguntas à vida sempre inesgotável. Um sistema das ciências culturais, embora só o fosse no sentido de uma fixação definitiva, objetivamente válida e sistematizadora das questões e dos campos dos quais se espera que tratem, seria um absurdo em si. Uma tentativa deste tipo poderá apenas rematar por uma justaposição de diferentes pontos de vista, especificamente particulares, e muitas vezes heterogêneos e díspares entre si, sob os quais a realidade tem sido, e permanecerá para nós, “cultura”, isto é, significativa na sua particularidade. (WEBER, 1993, p.133)

Weber se distancia de Durkheim em sua postura diante das Ciências Sociais: enquanto Durkheim tem a convicção de que é totalmente possível alcançar ‘um princípio’ científico, no sentido de leis gerais, que nortearia a elaboração de normas para a solução de problemas práticos singulares, para Weber, tal afirmação constitui um equívoco, pois, diferentemente do que acontece com as ciências da natureza, a elaboração e a aplicação de leis gerais para a compreensão dos fenômenos sociais não possuem validade nem garantem o alcance de conhecimento sobre a realidade. Para Weber, quanto mais gerais e abstratas são as leis que norteiam a elaboração de conhecimento científico, menos validade possuem para as Ciências Sociais, pois, para ele, “[...] quanto mais vasto é o campo abrangido pela validade de um conceito genérico – isto é, quanto maior a sua extensão – tanto mais nos afasta da riqueza da realidade.[E, por isto] no campo das ciências da cultura, o conhecimento do geral nunca tem valor por si próprio”. (WEBER, 1993, p. 130)

A partir de tais observações, Weber define que

A ciência social que pretendemos exercitar é a ciência da realidade. Procuramos entender na realidade que está ao nosso redor, e na qual nos encontramos situados, aquilo que ela tem de específico; por um lado, as conexões e a significação cultural das nossas diversas manifestações na sua configuração atual, e, por outro, as causas pelas quais ela se desenvolveu historicamente de uma forma e não de outra. (WEBER, 1993, p.124)

Weber parte da noção de que a realidade é infinita. Nesse sentido, só é possível uma ciência sobre o fenômeno social quando o pesquisador, ao produzir ciência, o faz realizando recortes da realidade, a partir de pontos de vista particulares. Esse autor acredita que

[...] apenas as idéias de valor que dominam o investigador e uma época podem determinar o objeto do estudo e os limites deste estudo. No que

concerne ao método da investigação, o “como” é o ponto de vista dominante que determina a formação dos conceitos auxiliares de que se utiliza. E quanto ao modo de utilizá-los, o investigador encontra-se evidentemente ligado às normas de nosso pensamento. Porque só é uma verdade científica aquilo que pretende ser válido para todos os que querem a verdade. (WEBER, 1993, p.133)

E, uma vez que a realidade é infinita, Weber mostra o limite do conhecimento científico, o que justifica a abordagem da realidade a partir de recortes e pontos de vista particulares. Assim, enquanto, para Durkheim, é possível alcançar uma interpretação única do fenômeno, para Weber uma interpretação será apenas uma das possibilidades dentro de uma gama infinita de possíveis interpretações. “Todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares.” (WEBER, 1993, p.131)

Weber acredita que

[...] sem as idéias de valor do investigador, não existiria nenhum princípio de seleção, nem o conhecimento sensato do real singular, da mesma forma como sem a crença do pesquisador na significação de um conteúdo cultural qualquer resultaria completamente desprovido de sentido todo o estudo do conhecimento da realidade individual, pois também a orientação da sua alma confere ao seu trabalho uma direção. (WEBER, 1993, p.132)

Nesse aspecto, Weber avalia que é preciso que o pesquisador social saiba distinguir o essencial do secundário, pois é necessário ter como referência, consciente ou inconsciente, os elementos da realidade relativos aos ‘valores culturais universais’. E observa que é de responsabilidade do pesquisador imprimir sentido aos fenômenos pesquisados, segundo parâmetros reconhecidos por todos.

Como se pode perceber, a partir da leitura desses clássicos, a Sociologia traz, em sua origem, dois tipos de abordagem que dão margem para discussão. Tal como avaliado por Durkheim, o fenômeno social ultrapassa a escala individual e, nesse sentido, deve ser explicado a partir do todo. No entanto, como lembra Weber, em termos de construção das Ciências Sociais, deve-se considerar a particularidade do fenômeno social e reconhecer a impossibilidade de realizar plenamente o preceito científico que prevê a elaboração de leis gerais, ou seja, considerando as particularidades das Ciências Sociais, verifica-se a limitação do preceito científico, no que diz respeito à generalização dos resultados alcançados.

Vale dizer que nem Durkheim nem Weber fazem distinção entre as metodologias qualitativa e quantitativa, mas, ao apresentarem seus pontos de vista em relação ao objeto das Ciências Sociais e suas especificidades, dão margem a leituras que os colocam em lados opostos. Enquanto os estudos de Durkheim sugerem uma abordagem quantitativa, em Weber é perceptível a necessidade de se considerar o fenômeno social a partir de uma análise qualitativa. Talvez esse seja um fator de grande influência para a existência do antagonismo entre as metodologias qualitativista e quantitativista.

Uma vez comentadas as principais bases teórico-metodológicas das Ciências Sociais, parte-se, no Capítulo 2, para a análise das metodologias, avaliando suas características e especificidades, em que se opõem e em que são semelhantes, para, posteriormente, discutir a viabilidade da integração dos métodos.

2 A METODOLOGIA QUANTITATIVA E A METODOLOGIA QUALITATIVA

Neste Capítulo, propõe-se a discussão a partir da análise das características das metodologias qualitativa e quantitativa, a avaliação do objeto das Ciências Sociais a partir de suas especificidades.

Como mencionado anteriormente, a visão dicotômica formada a partir dos dois eixos metodológicos, o qualitativo e o quantitativo, gerou várias polêmicas em relação à metodologia das Ciências Sociais. E, enquanto o debate girou em torno da oposição e da incompatibilidade entre as duas metodologias, sugeria-se que apenas uma teria espaço nas Ciências Sociais. Pereira (1991) mostra a alternância entre as duas propostas metodológicas ao longo do século 20, evidenciando o fato de que a ascensão de uma representava o esvaziamento da outra.

Vemos, por exemplo, que entre as décadas de 20 e 30, o relato oral passa a ser considerado como uma fonte rica para a investigação sociológica, em função de sua capacidade de registrar o que ainda não havia se cristalizado em documento escrito. Nesse período, a Escola de Chicago destaca-se como centro de pesquisas de análise qualitativa, tornando-se referência dos estudos que envolvem essa metodologia (PEREIRA, 1991).

Porém, tal movimento traz para a discussão se tais técnicas seriam capazes de neutralizar a subjetividade que emergia nesse tipo de abordagem. Técnicas como a “história de vida”, que utilizam o relato oral como principal fonte de dados, passam a ser questionadas, por se apresentarem ‘cheias de subjetividades’, o que era visto, por alguns pesquisadores, como fator que poderia proporcionar o desvio de observação e levar a interpretações errôneas (QUEIROZ, 1988, p.32-33).

E, a partir dos anos 40 e 50, assiste-se à ascensão dos métodos quantitativos, cujo maior representante é o *survey*. Este ganha destaque entre os pesquisadores, por sua capacidade de garantir objetividade e por possibilitar a verificação dos dados. Ao mesmo tempo, a Metodologia Qualitativa passa, nessa época, por progressiva marginalização (PEREIRA, 1991).

O predomínio do positivismo nas Ciências Sociais, nos anos 50 e 60, representaria uma incompatibilidade com a metodologia qualitativa, pois julgava-se que, somente através da

aplicação dos rigorosos critérios da Metodologia Quantitativa, poderia ser alcançada a objetividade e ser realizado o ideal científico de descobrir leis gerais (PEREIRA, 1991).

Mas é a partir das constatações de que o método quantitativo também continha limitações e falhas que a metodologia qualitativa volta ao centro das discussões. Segundo Richardson (1999, p. 77), a partir da década de 70, consolida-se a procura de métodos alternativos de pesquisa em Ciências Sociais.

A percepção de que ambos os métodos apresentavam vantagens, mas também continham limitações, que não são passíveis de serem ignoradas mesmo por seus defensores, fez com que o debate se ampliasse, para a busca de alternativas que permitissem a superação das dificuldades trazidas por um ou por outro método. É nesse contexto que surge a proposta da integração dos métodos qualitativos e quantitativos nas Ciências Sociais. O primeiro pesquisador a trazer esse ponto para a discussão é Sam Sieber, que, em artigo publicado na *American Journal of Sociology*, em 1973, propõe a integração dos métodos como capaz de proporcionar a superação das limitações de ambos os métodos. No entanto, essa proposta não é amplamente divulgada nas Ciências Sociais e o debate permanece em torno da opção por uma metodologia em detrimento da outra, o que representa uma perda para o debate científico. É nesse sentido que se faz importante analisar as características de cada uma delas para, então, avaliar a proposta de integração metodológica que propomos neste estudo.

Iremos, agora, avaliar as duas metodologias, visando discutir aspectos como: em que se distanciam, até que ponto são próximas, e em quais situações se opõem para, então, garantir a superação da visão dicotômica da Metodologia das Ciências Sociais.

2.1 Metodologia Quantitativa

Aplicados em estudos descritivos que buscam, em geral, descobrir e classificar a relação entre variáveis, bem como investigar a relação de causalidade entre fenômenos, os métodos quantitativos apresentam-se como um instrumento de pesquisa favorável à análise de maior número de casos.

A tentativa de conhecer a população a partir da coleta de dados mensuráveis remonta a uma prática bastante antiga, tanto da civilização egípcia como a da Roma antiga. Ambos os povos

realizavam censos demográficos para conhecer a população (BABBIE, 1999; BURKE, 2002). Mas é no século XX que pesquisadores americanos irão dar destaque à pesquisa quantitativa através de estudos de *survey*.

Identificados pelo emprego da mensuração de dados objetivos, os métodos quantitativos pressupõem a existência de uma população de objetos observáveis e comparáveis entre si e envolvem a utilização de procedimentos específicos para a coleta dos dados, que vão desde a definição do plano amostral, da elaboração de questionários, de treinamentos de aplicadores, até a aplicação dos questionários. Depois de coletados, os dados são, então, analisados estatisticamente.

Assim, com base em medidas numéricas dos aspectos específicos do fenômeno, a Metodologia Quantitativa, por meio do uso números e de métodos estatísticos, visa à descrição geral ou ao teste de hipóteses causais. Como técnica de investigação, busca medidas e análises que são facilmente reproduzidas por outros investigadores. (KING; KEOHANE; VERBA, 1994)

Para Richardson (1999),

O estudo descritivo pode abordar aspectos amplos de uma sociedade como, por exemplo, descrição da população economicamente ativa, do emprego de rendimentos e consumo, do efetivo de mão-de-obra; levantamento da opinião e atitudes da população acerca de determinada situação; caracterização do funcionamento de organizações; identificação do comportamento de grupos minoritários. (RICHARDSON, 1999, p. 71)

2.1.1 Potencial da Metodologia Quantitativa

Caracterizando-se pelo emprego da quantificação, tanto no processo de coleta como no de análise de dados, que se dá com o arsenal da estatística, o método quantitativo permite estudos desde os mais simples como *percentual, média, desvio-padrão*, aos mais complexos, como *coeficiente de correlação, análise de regressão*, entre outras (RICHARDSON, 1999, p. 70).

Quanto a sua aplicabilidade, Queiroz (1988) afirma que “[...] a técnica quantitativa, seja a da amostragem ou outra, serve principalmente para se conhecer a intensidade de um fenômeno, o quanto se espalha por um grupo ou uma camada, como atinge grupos e camadas diferentes.” (QUEIROZ, 1988, p.35).

Os dados usados para a análise quantitativa podem ser provenientes de *surveys* ou censos sócio-demográficos, assim como de fontes documentais do tipo *balanços e orçamentos de organizações públicas ou privadas* ou *relatórios de gestão*, entre outros.

Depois de coletados, os dados são organizados em variáveis, o que permite ultrapassar a escala individual e empírica, criando, assim, condições para o estudo do fenômeno a partir da análise das relações entre as variáveis.

Tendo como vantagem a maior margem de segurança quanto às inferências, por garantir resultados de maior precisão, evitar distorções de análise e interpretação, o que é intrínseco à sua aplicação, o método quantitativo tem lugar de destaque nas Ciências Sociais, pois melhor realiza os cânones científicos.

Outra vantagem dos métodos quantitativos consiste no fato de que, além de possibilitarem a realização de análises através de técnicas estatísticas rigorosas e sofisticadas, e a construção de amostras que garantem generalizações mais seguras, também permitem o uso de amostras de dimensões não previamente limitadas.

A possibilidade de identificar certo número de operações, de natureza lógica bem definida, proporciona à metodologia quantitativa uma aura de cientificidade. Segundo Cortes (1998), os defensores do tratamento quantitativo alegam que o caráter objetivo dos dados numéricos oferece várias vantagens, pois, além de evitar distorções interpretativas, trazem a possibilidade de generalização dos resultados, viabilizam o teste de hipóteses e, ainda, servem para confirmação ou refutação de teorias, pela utilização do instrumental da estatística que favorece a demonstração das conclusões e, conseqüentemente, garante sustentação científica ao estudo.

2.1.2 Problemas da Metodologia Quantitativa

Boudon (1989) considera o método quantitativo, que melhor realiza a proposta científica, como o mais indicado para a realização de estudos de fenômenos sociais. Mas observa, também, que ele apresenta limitações, diante de alguns tipos de objeto. Fatores como o *grau de complexidade* e a *amplitude do objeto* podem inviabilizar a investigação, a partir da Metodologia Quantitativa. Pois, como observa Boudon, “[...] a partir do momento em que se

consideram populações não só de indivíduos, mas de contextos, o custo de aplicação de métodos quantitativos pode tornar-se excessivamente elevado. Naturalmente, tão mais elevado quanto maiores os contextos definidos.” (BOUDON, 1989, p. 69). Esse autor ainda, adverte que “[...] quanto mais complexos são os contextos que analisamos, mais difícil é determinar os fatores de semelhança e de dessemelhança e dar às relações estatísticas observadas um significado inequívoco.” (BOUDON, 1989, p. 70)

Assim, Boudon destaca que, devido ao caráter complexo e sincrético das sociedades globais, torna-se inviável realizar estudos quantitativos sobre elas, pois a relação entre as variáveis fica extremamente complexa. Conseqüentemente,

[...] não existe estudo contextual nenhum que tenha por objeto contextos que se estendam às sociedades globais. Compreende-se(*sic*) as razões disso: por um lado, a população dos elementos disponíveis diminui à medida que se definem contextos sociais de dimensão mais ampla. Por outro lado, o custo da observação torna-se rapidamente incomensurável. (BOUDON, 1989, p. 70)

Apesar do respaldo científico da Metodologia Quantitativa, considerando a sua capacidade de obter, de forma inquestionável, dados objetivos, constatou-se que as técnicas quantitativas deixavam ocultos valores e emoções do indivíduo. Observou-se, também, que, na pesquisa quantitativa, estão presentes questões de ordem subjetiva que irão interferir no estudo. Assim sendo, pode ser questionável o nível de confiabilidade dos dados obtidos por tais métodos, pois, no processo de coleta de dados, em que são utilizados questionários, há a interferência de questões que fogem do controle do pesquisador. Segundo Becker (1997), a aplicação desses métodos “[...] envolve a própria interação do pesquisador com aqueles que estuda, ou do pesquisador com seus colegas e assistentes, que derivam do contexto social no qual qualquer operação de pesquisa tem lugar.” (BECKER, 1997, p. 27-28)

Em relação ao processo de aplicação dos questionários, sabe-se, por exemplo, que é comum a existência de fraudes cometidas por entrevistadores, que falsificam questionários com respostas imaginárias de entrevistas que nunca foram realizadas.

Cortes (1998, p. 11) alerta para o fato que

Os dados numéricos não seriam muito confiáveis, pois freqüentemente o processo de sua coleta produziria informações falsas. Este seria o caso de fontes documentais como balanços orçamentos “mascarados” para favorecer os interesses de dirigentes de organizações públicas ou privadas. No caso dos censos ou *surveys*, pondera-se que respostas às entrevistas e

questionários apresentariam problemas relacionados à interpretação equivocada de perguntas e respostas, devido a barreiras lingüísticas [...] ou devido à tendência à obtenção de respostas tidas como socialmente mais aceitáveis ou preferíveis.

Em relação ao contexto social que envolve a realização de um *survey*, Babbie (1999) destaca que pode haver interferências nos resultados, pois sua aplicação envolve uma interação social. Por exemplo, as questões podem ser vistas como um teste pelo entrevistado, de forma que o entrevistado poderá seguir os critérios do que é socialmente desejável e emitir uma resposta não verdadeira.

Assim, a partir do momento em que se constata que também o *survey* contém limitações e falhas, e que não estaria totalmente isento da interferência de elementos subjetivos, torna-se evidente a necessidade de discutir os aspectos subjetivos que envolvem a realização da pesquisa científica. Sob essa perspectiva, alguns pesquisadores se dedicarão a analisar os aspectos cognitivos da metodologia de *Survey*. Dentre eles, podemos citar: CONVERSE; STANLEY, 1986; GEER, 1988; OKSENBERG; CANNELL; KALTON, 1991; FOWLER, 1992; GILHAM; GRANBERG, 1993; FOWLER, 1995.

Nesse contexto, a Metodologia Qualitativa ressurgiu: o que antes era visto como problema – a existência da subjetividade no processo de investigação – passa a ser considerado como elemento importante no estudo. Percebe-se aí uma aproximação das duas metodologias já que um aspecto que as distanciava estava relacionado à questão da presença da subjetividade no contexto da investigação do fenômeno social.

Passemos, então, para a análise da Metodologia Qualitativa e suas especificidades.

2.2 Metodologia Qualitativa

Inspirando-se nos estudos da Antropologia, a abordagem qualitativa, que busca conhecer as especificidades do fenômeno social a partir de uma análise em *nível micro*, irá se difundir nas

Ciências Sociais, chegando a se consolidar em correntes teóricas na Sociologia, dentre as quais podemos citar a Etnometodologia e o Interacionismo simbólico.¹

Aplicada a objetos de "difícil acesso" e em estudos sobre objetos dos quais há pouco ou nenhum material disponível, a Metodologia Qualitativa permite a compreensão do fenômeno a partir de sua singularidade. Assim, ao oferecer análises bastante requintadas, possibilitando descrever características do fenômeno com maior intensidade e profundidade, a Metodologia Qualitativa ganha destaque entre os estudos que não são passíveis de serem realizados a partir de análises estatísticas. Destacam-se as seguintes fontes de dados de estudos que usam a Metodologia Qualitativa: *relatos orais, relatórios de entrevistas e de observações de campo, e análise de documentos dos mais variados tipos*. Segundo Cortes (1998),

A pesquisa social qualitativa tem como objetivo a compreensão e a reconstrução da realidade social, especialmente a reconstituição dos sentidos e motivações das ações dos indivíduos, a descrição, explicação e interpretação das ações social e dos *milieus* sociais e a reconstituição de estruturas da ação. Para essas diferentes perspectivas de pesquisa foram desenvolvidos métodos e técnicas de coleta e análise de dados diversos, atendendo às peculiaridades do objeto de pesquisa. (CORTES, 1998, p. 8)

Apontada por seus defensores como a única capaz de captar as dimensões subjetivas da ação humana, a Metodologia Qualitativa dá ênfase aos aspectos motivacionais e intencionais que são de difícil mensuração e verificação, quando aplicados métodos quantitativos.

Segundo Queiroz (1988, p. 14) ao manter a “[...]vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo o fato social” a técnica de história de vida foi encarada, por muitos pesquisadores, como a única válida para se contrapor às quantitativas que reduziriam a realidade social à *aridez dos números e amputavam os significados do fenômeno social*.

Muitos pesquisadores, como Aguiar (1978), Cortes (1998), Boudon (1989), indicam uma vocação da Metodologia Qualitativa como instrumento de pesquisa complementar. No entanto, Queiroz (1988, p. 28) observa que sua aplicação como técnica principal de investigação e fonte única de análise é bastante plausível, sendo que “[...] não se nega mais,

¹ Por não ser nosso propósito avaliar a Metodologia Qualitativa a partir de correntes teóricas, limitamo-nos a apenas citá-las.

também, que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero.” Para sustentar essa idéia, Queiroz adota a perspectiva de Marcel Mauss, de que todo fenômeno social é total. Assim, “[...] aspectos importantes de sua sociedade e de seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologia podem ser apanhados através de uso da história de vida.” (QUEIROZ, 1988, p.28)

Para Queiroz (1988), 'indivíduo' significa alguém que se tomou isoladamente, extraíndo-o do interior de uma coletividade, para considerá-lo em si mesmo, naquilo que o distingue dos demais. Segundo essa autora,

[...] o que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem que lhe são exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada, finalmente, sua personalidade, aparentemente tão peculiar, é o resultado da integração entre suas especificidades, todo o seu ambiente, todas as coletividades em que se insere. Não é novidade alguma afirmar que o indivíduo cresce num meio sociocultural e está profundamente marcado por ele. Sua história de vida se encontra, pois, a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo com sua herança biológica e suas peculiaridades, a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos. (QUEIROZ, 1988, p. 36)

A partir da ótica de Queiroz (1988), temos que o indivíduo, o informante, é usado na análise como representante da coletividade da qual faz parte, não sendo tomado em sua unicidade. Queiroz lembra que “[...] o que o sociólogo trabalha vai em direção do que é coletivo, isto é, do que é geral, não se detendo nos particularismos.” (QUEIROZ, 1988, p.25)

Apesar de termos mostrado apenas alguns argumentos sobre a plausibilidade da Metodologia Qualitativa, sua aplicação não se limita a apenas contribuir, ou auxiliar, mas, na verdade, também, oferece condições suficientes para ser utilizada como principal estratégia de coleta e análise de dados. Nesta perspectiva, Cortes (1998) identifica três situações em que pode ser utilizada como principal técnica de coleta de dados:

- A. quando a literatura sobre determinado objeto ou fenômeno é escassa e a pesquisa tem caráter exploratório;
- B. quando o problema de pesquisa versa sobre questões teóricas polêmicas, que podem ser confirmadas ou refutadas através da aplicação de técnicas qualitativas; e

- C. quando está vinculada a pressupostos teóricos baseados em abordagens qualitativas do objeto.

Além dessas situações visualizadas por Cortes, Boudon (1989) indica casos especiais em que o uso da Metodologia Qualitativa se impõe: a) quando se trata de objetos singulares e b) quando a população-alvo é muito restrita.

Boudon (1989) identifica ainda, outros critérios que podem servir de parâmetro para a escolha da abordagem metodológica. Segundo ele, a escolha entre a observação pelo método de caso e a observação de tipo estatístico pode ser norteada a partir de considerações econômicas – as pesquisas-piloto, que precedem grandes pesquisas quantitativas, podem melhorar consideravelmente sua eficácia e reduzir o custo de modo significativo, além de possibilitar avaliar hipóteses e propiciar observações de grande importância para o estudo.

Além disso, Boudon (1989) também desenvolve a idéia de que, em alguns casos, a utilização de métodos qualitativos se torna mais viável, sendo mais indicada para tratar de certos objetos. Há casos em que o emprego do método qualitativo permite maior detalhamento dos dados e mais intensidade de observações, podendo, em certa medida, até suprir a pequena amplitude desses dados. Ressalta o autor, porém, que, a análise dos casos deve obedecer aos mesmos princípios lógicos dos estudos quantitativos.

Segundo Boudon (1989), algumas vantagens do método qualitativo sobre o quantitativo são a sua maior facilidade de aplicação, menor custo e maior rapidez e, em alguns casos, sua maior adequação para tratar de certos objetos.

Nesse sentido, faz-se importante denotar o potencial da Metodologia Qualitativa para a ciência como um todo.

2.2.1 Potencial da Metodologia Qualitativa

Segundo Becker (1994), muitos pesquisadores têm deixado de lado problemas de investigação científica em que a coleta de dados exige a criação de métodos, para se dedicarem a estudos nos quais podem ser usados os métodos tradicionalmente consagrados. Ou seja, os

pesquisadores estariam abrindo mão de problemas para a análise dos quais teriam que se lançar ao desafio de criar formas inovadoras de investigação.

Nessa perspectiva, o grande desafio do pesquisador é criar métodos e técnicas que cumpram os preceitos científicos e ofereçam condições de verificação, análise e avaliação crítica por outros pesquisadores. E é no campo da Metodologia Qualitativa que tal possibilidade tem se realizado, oferecendo importantes contribuições para as Ciências Sociais.

A Metodologia Qualitativa proporciona uma gama maior de possibilidades que o pesquisador pode acionar, para a investigação do objeto, não ficando preso aos dados estatísticos, o que lhe garante melhores condições de realizar estudos em profundidade, e, por isto, pode possibilitar uma compreensão mais detalhada do fenômeno. Ou seja, permite-se ao pesquisador maior liberdade para atingir os dados necessários para a análise do objeto, e assim, trazer à tona os dados mais profundos que, geralmente, são ocultados pela ótica dos métodos quantitativos e que lhes passam despercebidos. Assim, aquilo que, à primeira vista, se apresenta inatingível e incompreensível torna-se bastante plausível quando é aplicada a Metodologia Qualitativa.

Na Sociologia brasileira, temos bons exemplos de criatividade e perspicácia na criação de métodos para viabilizar a investigação científica. Como exemplo, pode-se citar o estudo de Rita Fazzi (2004). Nesse estudo, a pesquisadora elaborou uma forma de investigar o problema do racismo entre as crianças, de modo que fosse possível captar indícios desse fenômeno entre crianças em fase de alfabetização. Para isso, criou condições que permitissem analisar atitudes das crianças que pudessem revelar a existência ou não de racismo, utilizando brincadeiras e fazendo observações para avaliar como atitudes racistas se manifestavam entre elas. A estratégia elaborada pela pesquisadora foi de suma importância e de grande criatividade para abordar um tema tão sensível e de difícil tratamento metodológico, considerando o fato de que o método de *survey*, além de apresentar maiores dificuldades para elaboração, não era indicado, por se tratar de crianças.

Cortes (1998) também faz referência à atual tendência de buscar, em outras disciplinas, técnicas de coleta de dados características, ou seja, o pesquisador não tem se restringido ao uso de instrumentos de pesquisa apenas de sua área de conhecimento, ele tem buscado, junto a outras áreas, formas alternativas de abordagem, que sejam mais adequadas às características do objeto e à realidade em que ele se insere. “Este é o caso da análise de dados documentais

utilizada largamente pelos historiadores, ou da observação, desenvolvida pelos antropólogos, ou da análise de conteúdo muito usada pela psicologia social e pelos estudos da mídia impressa.” (CORTES, 1998, p.13-14)

A maior flexibilidade dessa metodologia apresenta-se como diferencial em relação à Metodologia Quantitativa, pois permite ao pesquisador: ajustar suas estratégias de análise, fazer modificações em seus instrumentos de coleta de dados e até readequar técnicas, ou seja, favorece a criação de formas alternativas para estudar e analisar o objeto, cientificamente, no contexto em que esse objeto se insere. Nesse sentido, a Metodologia Qualitativa pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da ciência.

Também, como fonte primária de investigação científica, o relato oral possibilita conhecer realidades de atores sociais sobre os quais não há nenhum tipo de documentos, o que denota a importância das técnicas qualitativas para o desenvolvimento do conhecimento científico no campo das Ciências Sociais.

Em relação à crítica de que os dados qualitativos estariam contaminados de subjetividade, Thompson observa que

[...] a subjetividade, presente em toda fonte histórica derivada da percepção humana, só pode ser ameaçada pela fonte oral, a qual, indo a fundo na memória, pode buscar a verdade escondida. Na flexibilidade intrínseca do método, baseado numa combinação de exploração e questionamento, no contexto de um diálogo com o informante, estaria o segredo de seu potencial. (THOMPSON *apud* PEREIRA, 1991, p. 112)

Sobre o método biográfico, por exemplo, Pereira (1991) levanta dois aspectos importantes que refletem seu potencial. São eles:

1. Os relatos orais são fundamentais para um primeiro levantamento de questões, sobretudo em áreas ainda pouco exploradas ou conhecidas, em que os dados são escassos ou inexistentes. Os relatos orais são úteis para a formulação de hipóteses iniciais ou para o desbravamento de novas áreas ou aspectos da realidade, ou seja, para a investigação exploratória, oferecendo suporte para a formulação de problemas, hipóteses, conceitos e teorias iniciais. As histórias de vida contribuiriam, ainda, para ampliar os horizontes da pesquisa que se apresenta estagnada. Através de relatos orais, torna-se possível levantar novas variáveis, novas questões, novos processos, viabilizando reorientações necessárias no campo de investigação.

2. O método biográfico se mostra capaz de oferecer uma contribuição substantiva para as Ciências Sociais, nos seguintes aspectos:
 - a. Através da história de vida, é possível verificar como os processos sociais são experimentados, vividos e sentidos pelos indivíduos;
 - b. Para o estudo dos processos de mudança social, o método de história de vida oferece importante subsídio. Ao reintroduzir a dimensão *tempo*, na investigação sociológica, através de ciclo de vida e da mobilidade social, permite e acompanha a dinâmica da mudança. A história de vida descreve a seqüência de interações nas quais novas vias de ação coletiva e individual são projetadas e novos aspectos de personalidade surgem.
 - c. Como instrumento de formulação de teorias, na revisão de interpretações e no refinamento de conceitos explicativos e de seus pressupostos, o relato de vida é também aplicável. Nessa perspectiva, a história de vida assumiria *status* de metodologia e funcionaria como um poderoso instrumento para testar e reformular hipóteses, suporte para realizar a interação entre teoria e trabalho de campo. Usando esse instrumento, o pesquisador busca obter dados para resolver problemas teóricos, inclusive o dilema que a teoria sociológica enfrenta desde seu início, do velho problema ‘determinismo e liberdade’, ‘estrutura e sujeito’ ou, ainda, ‘objetividade e subjetividade’ e que, atualmente, se expressa na oposição entre ‘o coletivismo e o individualismo metodológico’.

Porém, em função de sua maior fragilidade em relação aos pressupostos científicos, é importante analisarmos, também, os problemas que essa Metodologia pode apresentar.

2.2.2 *Problemas da Metodologia Qualitativa*

O pesquisador pode ver-se em dificuldade de realizar os preceitos científicos, pois a objetividade de seu estudo e a confiabilidade de seus achados irão depender, exclusivamente, de sua habilidade na condução da investigação. Estudos baseados em observação (participante ou não) têm o pesquisador como instrumento da investigação, com todas as limitações inerentes à sua capacidade de olhar e apreender os fatos que busca coletar. Nesse sentido, por lidar com dados não objetivos e, também, por existir uma relação muito estreita com o objeto

de investigação, as observações do estudioso podem não dispor da imparcialidade necessária a um trabalho científico – o que pode levar a distorções interpretativas. Assim sendo, é importante muita cautela por parte do pesquisador, ao ultrapassar a dimensão empírica. Os dados não falam por si. Por esse motivo, Pereira (1991) lembra que o investigador deve evitar a mera reificação da narração e analisar os dados coletados à luz de um quadro teórico definido, buscando consubstanciar a análise e interpretação dos dados, para daí, desenvolver as conclusões.

Por não poder contar com um instrumental de análise sistemática, como é o caso da Metodologia Quantitativa, que dispõe da Estatística, o estudioso irá garantir sustentação científica não através de elementos exteriores à pesquisa e sim através de elementos que revelem sua postura científica durante a realização da análise. Ocorre que nem sempre o pesquisador tem o cuidado de apresentar todo o processo de investigação com os passos e as definições que tomou ao longo de seu trabalho.

Queiroz (1988) observa que os defensores do método qualitativo alertam para o fato de que, inicialmente, todas as fontes são falhas e sujeitas a tendências (*'bias'*) e que a objetividade se expressaria no modo de proceder para com o objeto, não sendo uma característica intrínseca ao método. Nesse sentido, o que importa é avaliar a situação em que se insere o objeto e definir a metodologia mais adequada a cada caso específico.

Queiroz, (1988) observa que

Ainda que o subjetivo seja entendido como as sensações intraduzíveis, ainda assim é próprio dos indivíduos tentar compreendê-las primeiramente, e transmitir aos outros o que compreendeu; porém ao fazê-lo forçosamente utiliza os mecanismos que tem à sua disposição e que lhe foram dados pela família, pelo grupo, pela sociedade. (QUEIROZ, 1988, p. 39)

E alerta para o seguinte fato:

[...] as manifestações do subjetivismo respondem sempre a algo que é exterior aos indivíduos. Necessidades físicas, inclinações, paixões, prazer e dor, significam reações da parte do indivíduo a algo que captou a partir do exterior, e que só adquirem significado através da mediação do exterior; conforme a sensibilidade dele, serão mais ou menos intensas, desencadearão ou não ações de variado tipo. Uma vez existindo a mediação exterior (e a palavra é uma delas, provavelmente a mais importante) para que se expresse o puramente individual, este fica já comprometido como o exterior, sempre mergulhado numa atmosfera plenamente coletiva. (QUEIROZ, 1988, p. 37-38)

Sobre a interferência do pesquisador no processo de investigação, que, para muitos, é carregada de subjetividade, Pereira (1991) lembra que esse fenômeno não é privilégio da Metodologia Qualitativa. Na verdade, a subjetividade faz-se presente, independentemente do tipo de metodologia que esteja sendo usada, já que não há como eliminar esse elemento do processo de investigação, pois ocorre a partir da interação social entre os pesquisadores e os sujeitos que entrevista ou observa. (PEREIRA, 1991)

2.3 A subjetividade como elemento que permeia as duas abordagens metodológicas

Cabe observar que, para muitos, a existência da subjetividade é vista como problema. No entanto, segundo Pereira (1991), isso constitui vantagem da Metodologia Qualitativa, já que o pesquisador está presente no momento da coleta de dados, participando do processo de constituição do material de investigação científica, o que se torna mecanismo de controle do dado coletado. Assim, o pesquisador, na posição de entrevistador, consciente de sua responsabilidade enquanto co-agente na criação do documento oral, pode explorar e questionar o informante no contexto do diálogo. Isso viabiliza o resgate daquilo que não pode ser encontrado em documentos de outra natureza, a respeito de certos acontecimentos e padrões pouco conhecidos. Torna-se possível, além disso, avaliar, esclarecer e esmiuçar, de forma consciente, as dúvidas que se vão apresentando durante o processo de constituição do documento, o que vem a permitir a averiguação e o aprofundamento o dado ainda na fase da coleta. Note-se, também, que se abre ao pesquisador a oportunidade de consultar outras fontes e de contrapor os dados coletados com aqueles obtidos por outros meios.

E o argumento de que a Metodologia Quantitativa propicia *limpar* os dados dos aspectos subjetivos e fornecer dados objetivos foi sendo repensado, já que, em qualquer pesquisa, há um ator social que a comanda – o pesquisador –, elemento impossível de ser subtraído. Nesse sentido, os dados quantitativos perdem sua auréola de pura objetividade. Como lembra Queiroz (1988),

Pouco a pouco se percebeu [...] que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos, já que as definições das finalidades da pesquisa e a formulação das perguntas estão profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha assim para os dados, de maneira perigosa porque invisível, sua própria percepção e seus preconceitos. (QUEIROZ, 1988, p. 15).

No entanto, apenas reconhecer que a subjetividade se faz presente nos estudos qualitativos não é suficiente para garantir cientificidade ao estudo - o cientista social deve buscar cumprir o princípio científico da intersubjetividade, uma vez que é esse princípio que possibilita atingir a confiabilidade externa, cumprindo as exigências do rigor científico.

Assim, buscando ultrapassar a esfera pessoal para disponibilizar o estudo à comunidade científica, através da intersubjetividade, o pesquisador deve fornecer informações que permitam o acesso a seus procedimentos e a suas conclusões por outros autores. Segundo Babbie (1999), é esse princípio científico que permite que outro pesquisador replique a pesquisa com alcance de resultados semelhantes, característica que toda pesquisa científica deve apresentar.

Em relação aos métodos quantitativos, o uso da linguagem matemática oferece suporte que favorece o alcance da intersubjetividade de forma mais direta. Nos métodos qualitativos, em que há uma maior ênfase na compreensão do fenômeno a partir das observações e análise do pesquisador, a intersubjetividade é possível, quando se explicitam os passos e as decisões tomadas ao longo da investigação que levaram às conclusões finais, demonstrando, assim, a coerência dos resultados.

Uma diferença entre a Metodologia Qualitativa e a Metodologia Quantitativa está no fato de que, na primeira, o pesquisador deve estar atento, durante o processo de coleta e análise de dados, para que a subjetividade de seu objeto não se transfira para o estudo e comprometa sua análise, enquanto que, na segunda, o pesquisador deve-se policiar, no momento de elaboração dos instrumentos de coleta de dados, para que não contamine a pesquisa com sua subjetividade. Deve, além disso, criar mecanismos para coibir a manifestação da subjetividade do respondente, no processo de coleta de dados.

A Metodologia Qualitativa é criticada por se basear na visão do informante, que é parcial e subjetiva. Quanto a isso, Pereira (1991) alerta para o fato de que a subjetividade revelaria dados sobre as representações e as percepções do coletivo pelo indivíduo, fornecendo informações que vão além dos dados necessários para avaliar apenas as estruturas e os padrões de comportamento. Essas informações possibilitam verificar como indivíduos comuns experimentam, vivenciam e lembram, na imaginação e na memória, de modo complexo, realidade e mito, o objetivo e o subjetivo. Assim, destaca que a técnica de história de vida, por exemplo, proporciona ao pesquisador transitar da escala individual para a escala

coletiva e vice-versa, o que favorece a análise de como a esfera coletiva é vivida no indivíduo, de como ele a percebe e de que forma é influenciado por ela, revelando dimensões do coletivo no individual.

Acreditando que a subjetividade do indivíduo – valores e opiniões –, tem como base o coletivo, Pereira observa que a história de vida de um indivíduo está inserida em um contexto maior, em que a vivência com outras pessoas, grupos etc estará presente, situando-se em um determinado momento histórico, de forma que não se trata de considerar o indivíduo isoladamente, ou de compreendê-lo em sua unicidade, mas, sim, de perceber o que se passa no interior da coletividade da qual o indivíduo é testemunha. Nesse sentido, “[...] é possível explicitar os padrões estruturais que estão subjacentes a um dado conjunto de processos sociais, utilizando-se história de vida.” (PEREIRA, 1991, p.115)

Mas ainda se questiona se a Metodologia Qualitativa consegue captar o real em sua dimensão mais ampliada. Sobre essa questão, um ponto bastante discutido diz respeito a como definir o número de entrevistas que deverão ser realizadas - a amplitude da amostra. Esse ponto está relacionado à possibilidade de generalização dos achados. Pereira (1991) lembra que tal possibilidade fica condicionada à coleta de um número significativo de depoimentos, sendo que, para calcular o tamanho da amostra, não há uma fórmula, tal como acontece na Metodologia Quantitativa. Assim, a autora defende o critério de saturação, como o mais indicado para alcançar o número necessário de entrevistados para a análise, o que variará de acordo com o objeto, e com a sensibilidade do pesquisador. Observa-se que, através da técnica de saturação, é possível, a partir da confrontação de trajetórias de vida umas com as outras, chegar à lógica social a elas subjacentes. Assim, a partir do momento em que cada nova história confirma a precedente, alcançou-se o número necessário para se realizar a generalização.

Cabe, ainda, observar que a Metodologia Qualitativa segue parâmetros científicos e pode contribuir, de forma substantiva, para o desenvolvimento científico, ao viabilizar estudos em que o emprego de outros métodos se apresenta como inviável – o que reforça a idéia de que o pesquisador não pode deixar de conhecer ambas as vertentes metodológicas.

Tendo em vista tais aspectos, analisaremos, agora, as controvérsias entre elas.

2.4 Controvérsias entre as duas metodologias

Becker (1997) considera que a metodologia não deveria estar descolada do fazer pesquisa. O método de investigação deve estar adequado ao problema de investigação, o que significa que o pesquisador deve-se sentir livre para criar o método mais adequado à situação de pesquisa em que se encontra.

Boudon reconhece que os métodos qualitativos têm seus méritos - por exemplo, “[...] a análise contextual mostra que é possível estudar com bastante finura a ação das estruturas sociais sobre os comportamentos individuais. Mas ela se restringe a contextos de dimensões relativamente reduzidas.” (BOUDON, 1989. p. 70)

A partir do estudo desenvolvido por Murdock, sobre a terminologia associada às relações de parentesco em sociedades arcaicas, Boudon demonstra a dificuldade metodológica fundamental dos estudos comparados que utilizam a análise estatística:

[...] as distinções e assimilações terminológicas dependem de fatores cujo peso é diferente e cuja ação pode exercer-se em direções opostas. Disso resulta que, para analisar a eficácia real de um fator, seria necessário poder utilizar um procedimento análogo à análise multivariada e examinar essa ação sobre grupos de sociedades homogêneas quanto a todos os demais fatores. (BOUDON, 1989. p. 73)

Ocorre que o procedimento que a situação exige, em muitos casos, não pode ser aplicado. Na pesquisa realizada por Murdock, por exemplo, a demonstração estatística da hipótese construída pelo pesquisador de que as diferenças lingüísticas resultavam de diferenças na estrutura social, levou à formação de grupos de tão reduzido número de elementos que seria inviável a análise de correlações.

Boudon (1989) demonstra que os métodos quantitativos, apesar de todas as suas potencialidades, ainda possuem limitações. Há situações em que sua aplicação não garante um tratamento adequado do objeto. Podemos identificar dois extremos que colocam a Metodologia Quantitativa em dificuldades. Em um pólo, estão os objetos em que o número de casos é muito pequeno ou até mesmo igual a 1; e, em outro extremo, estão as situações em que o objeto é muito complexo, envolvendo fatores intervenientes diversos. O autor diz, ainda: “Quando vamos estudar sociedades mais complexas, como as nossas, a aplicação de métodos quantitativos é ainda mais delicada e a análise das correlações, ainda mais precária.”

(BOUDON, 1989, p. 74). Isso indica que há critérios a serem usados para nortear a escolha do método de abordagem do objeto.

Quando avaliamos esses pontos tratados por Boudon, vemos que a vantagem do método quantitativo sobre o qualitativo passa a ser questionada para a análise de contextos mais complexos. Uma vez que o pesquisador não possui condições de dominar todos os fatores que intervêm na realidade social investigada, a capacidade de generalização do método quantitativo fica comprometida.

Além dos fatores analisados que determinam a escolha da estratégia da pesquisa, deve-se levar em conta o contexto social e institucional em que se efetua o trabalho. Há grupos aos quais, em tese, se poderia aplicar um instrumento como o *survey*. Na prática, entretanto, isso se torna impossível. É o caso de estudos sobre crianças e adolescentes de rua. Essas pesquisas devem ser feitas por meios qualitativos. Outro exemplo em que o uso do *survey* não é adequado refere-se a pesquisas feitas em empresas, em que o pesquisador é impossibilitado de coletar o dado, por razões institucionais.

A definição da metodologia de investigação do objeto depende não apenas do problema que se investiga, mas, sobretudo, de conhecimentos sobre o contexto em que o objeto está inserido e sobre a possibilidade de alcançar os dados necessários para a investigação. Muitas vezes, o pesquisador é levado a criar estratégias que viabilizam o processo de coleta do dado, não sendo a metodologia definida previamente.

Como se apontou, existem posicionamentos unilaterais acerca da proposta metodológica, resultando em preconceitos em relação a uma ou a outra metodologia. No entanto, esse quadro tem-se alterado. Atualmente, as duas metodologias já não são vistas como opostas e sim como alternativas que podem ser utilizadas por pesquisadores das mais diversas linhas.

Como visto, as diferenças dizem respeito aos parâmetros de análise: enquanto a Qualitativa oferece um tratamento do objeto a partir das motivações, razões e até intenções do indivíduo, a Quantitativa leva ao tratamento do objeto a partir de seus aspectos exteriores, limitando o trabalho a aspectos objetivos da ação humana, para alcançar uma análise isenta de falsas impressões.

Como lembra Queiroz (1988), a escolha do método de investigação, que envolve técnicas de coleta e análise de dados, pressupõe não apenas diferenças na maneira de aplicar essas

técnicas, mas, sobretudo, diferenças nas preocupações do pesquisador com relação aos dados que pretende obter.

2.5 Especificidade do objeto das Ciências Sociais

Para Boudon (1989), há uma enorme gama de diferentes problemas aos quais se dedicam as Ciências Sociais. Isso acontece não só em função de querelas históricas da Sociologia, como também pelo fato de essa ciência se debruçar sobre problemas cujas características lógicas são diferentes entre si. A partir de tal observação, Boudon desenvolve a idéia de que não existe uma metodologia única, mas formas diferentes de melhor abordar o objeto das Ciências Sociais.

No entanto, o autor tem como ideal a Metodologia Quantitativa. Ele considera que essa forma de trabalho cumpre mais adequadamente as exigências de rigor científico, já que pressupõe uma população de objetos de observação comparáveis entre si, e permite um maior grau de confiabilidade, devido às possibilidades de verificação dos resultados. Assim, indica o uso da Metodologia Qualitativa apenas em certas situações, como, por exemplo, quando se trata de analisar objetos únicos ou um fenômeno singular. Nessa situação o método quantitativo é impraticável, simplesmente porque a população que se deseja estudar é restrita demais para permitir análises estatísticas.

Sem contar situações em que o emprego de métodos quantitativos encontra dificuldades lógicas consideráveis, existe um caso extremo em que sua aplicação, por definição, está excluída. É aquele em que o sociólogo se propõe analisar um fenômeno singular. (BOUDON, 1989, p. 75)

Boudon (1989) demonstra que cada tipo de objeto exige um tratamento específico – ora o quantitativo, ora o qualitativo –, não sendo, então, possível predeterminar o método das Ciências Sociais.

Tomamos, então, a perspectiva de Becker (1997), de que

A metodologia é o estudo do método. Para os sociólogos, presume-se que seja estudar os métodos de fazer pesquisa sociológica, de analisar o que pode ser descoberto através deles e o grau de confiabilidade do conhecimento assim adquirido, e de tentar aperfeiçoar estes métodos através da

investigação fundamentada e da crítica de suas propriedades. (BECKER, 1997, p. 17)

A partir da avaliação das características de cada metodologia e observando que tanto uma quanto a outra possuem vantagens e limitações, passemos, para a avaliação de possibilidade da conjugação metodológica.

3 SOBRE A POSSIBILIDADE DA INTEGRAÇÃO DAS METODOLOGIAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA

A existência de duas metodologias nas Ciências Sociais, segundo Boudon (1989, p. 7), reflete não apenas o processo de desenvolvimento dessa ciência, mas decorre, sobretudo, das necessidades desse campo científico, dado que os problemas dos quais as Ciências Sociais se ocupam são bastante diversificados e apresentam características lógicas muito diferentes entre si.

Apesar da constatação de Boudon, o que se observa nas Ciências Sociais é a ocorrência de contraposição entre as duas vertentes metodológicas, o que gerou a polêmica: *pesquisa quantitativa* versus *pesquisa qualitativa*. Como já observamos, tal polêmica, por muitos anos, permeou a discussão no âmbito das Ciências Sociais, refletindo a prevalência de uma postura dicotômica e excludente, que apregoava a superioridade de uma metodologia sobre a outra.

Segundo Sieber (1973), essa visão impediu o reconhecimento dos benefícios para a investigação, quando se empregam ambos os métodos em um mesmo estudo. O autor observa que, no entanto, timidamente, surge um novo estilo de pesquisa que propõe o uso concomitante de técnicas qualitativas e quantitativas em uma mesma pesquisa. Denominando-o *casamento metodológico*, esse autor avalia o fenômeno como um importante passo na investigação sociológica, dadas as inúmeras vantagens que proporciona.

O termo “*casamento metodológico*” também será usado por Bulmer (1984), que considera o fenômeno como triangulação metodológica, que estaria relacionada à tentativa de fortalecer a validade das evidências empíricas nas Ciências Sociais, através do emprego de mais de um tipo de abordagem. Segundo esse autor, quando a hipótese pode sobreviver à confrontação de uma série de métodos complementares para a sua testagem, ela tem um grau de validade que superior ao obtido por um único método. (BULMER *apud* CORTES, 1998, p. 15)

Assim, a idéia de contraposição entre as duas vertentes tem sido questionada, abrindo espaço para uma discussão sobre a possível conjugação das duas metodologias, a partir de suas características e vantagens para a investigação sociológica. Becker (1997) observa que

Os métodos qualitativos não são tão diferentes dos métodos quantitativos quanto pensam comumente os sociólogos. Os mesmos princípios subjacentes se aplicam a ambas as maneiras de trabalhar. Ambos os tipos de sociólogos

tentam descobrir algo que valha a pena saber [...] Ambos os tipos de sociólogos tentam persuadir um público de colegas e outros especialistas de que eles de fato aprenderam algo que não era conhecido antes. (BECKER, 1997, p. 14)

Cortes (1998), que também trabalha na perspectiva de que o uso de ambas as formas de abordagem e de análise pode favorecer o processo de investigação, ressalta que

Embora alguns trabalhos utilizem métodos que recorrem quase que exclusivamente ou a técnicas quantitativas ou a técnicas qualitativas de análise de dados, na maior parte dos casos, os problemas de pesquisa serão mais proficuamente respondidos através do uso de ambas. Desse modo o pesquisador poderá extrair o máximo de informações sobre a realidade e chegar a construções mais firmemente fundamentadas. (CORTES, 1998, p. 14)

Um outro fator que tem contribuído para a revisão e a reformulação da postura dicotômica e excludente é a experiência da pesquisa: o pesquisador, colocado diante de um objeto que lhe traz problemas que não são tratados exclusivamente por uma metodologia ou por outra, acaba, então, por implementar técnicas diversas para contornar esses problemas.

Bericat (1998) observa que a prática da integração metodológica, que hoje ganha respaldo e passa a ser discutida por vários pesquisadores, já era realizada por muitos autores, que, ao se encontrarem diante de uma circunstância de pesquisa, utilizam técnicas variadas para tratar das questões que o objeto de estudo impõe ao pesquisador.

A partir de então, considera-se que a aplicação de ambas as metodologias em um mesmo estudo é uma prática viável. Cabe observar que, na realidade, a integração metodológica vem ocorrendo de forma espontânea, nos mais diversos tipos de pesquisas. Queiroz (1988) avalia, por exemplo, que a utilização de técnicas qualitativas em pesquisa quantitativas é recorrente, pois o levantamento de dados preliminares e até mesmo a realização de pesquisas-piloto envolvem aplicação de técnicas qualitativas. E destaca que “Os dois conjuntos de técnicas não são opostos mutuamente exclusivos, são procedimentos a serem empregados em determinados tipos de pesquisa, ou em determinados momentos da mesma.” (QUEIROZ, 1988, p.35)

Observamos, porém, que poucos trabalhos discutem a integração metodológica, o que acaba contribuindo para a permanência da visão dicotômica e excludente. Levando em consideração esse fato, esta dissertação tem o objetivo de contribuir para ampliar o debate sobre essa estratégia de abordagem do fenômeno social.

Apresentando importante contribuição para o debate, Aguiar (1978), em artigo publicado sobre pesquisa em que fez uso tanto de técnicas qualitativas como quantitativas, expõe sobre as circunstâncias exigiram a aplicação de tal abordagem.

Tendo percebido a necessidade de utilizar categorias mais apropriadas ao objeto de estudo, Aguiar utilizou técnicas qualitativas para a elaboração de um *Survey*. Assim, conseguiu atingir um número maior de entrevistados – o que não seria possível através do uso de técnicas qualitativas –, sem desconsiderar a particularidade do fenômeno que estava observando. Iremos, no capítulo 4, explorar esse estudo de forma mais aprofundada.

O que a experiência de vários pesquisadores tem revelado é que, na prática da pesquisa, afloram problemas que não são passíveis de serem detectados anteriormente, não tendo, portanto, uma solução prévia. E, em muitos casos, exige-se do pesquisador inovação e criatividade para resolver os problemas que aparecem. É nesse momento que vários pesquisadores têm lançado mão da utilização da conjugação metodológica, através da aplicação de técnicas variadas.

Becker (1997) destaca que

[...] toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico que, em aspectos importantes, não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes. Os princípios gerais encontrados em livros e artigos sobre metodologia são uma ajuda, mas, sendo genéricos, não levam em consideração as variações locais e peculiares que tornam este ambiente e este problema aquilo que são de modo único. Assim, o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde ele está e resolve os problemas que ele quer resolver. (BECKER, 1997, p. 12-13).

A percepção de que se deve buscar a metodologia mais condizente ao objeto de investigação e adequada ao contexto em que esse se insere muda o parâmetro do julgamento da superioridade de uma metodologia sobre a outra. A aplicação do método A ou B apenas se justifica a partir da adequação ao objeto de estudo. Segundo Trow (*apud* SIEBER, 1973), nenhuma técnica pode reivindicar um monopólio de plausibilidade de inferência, pois é o problema sob investigação que dita os métodos a serem aplicados, na busca de sua solução.

Para Queiroz (1988),

Não tem sentido, nas ciências sociais, se tomar partido por este ou aquele procedimento, tanto mais que a obtenção de dados e fontes variadas, que enriquece uma pesquisa, determina a necessidade de se utilizarem técnicas também variadas. A querela é vã; o importante é saber escolher a técnica adequada ao tipo de problema, à especificidade do dado e ao momento preciso da investigação. (QUEIROZ, 1988, p.35)

A nova postura de aceitação do uso de ambas as vertentes viabilizou também a reflexão sobre a possibilidade de integrá-las. Nesse formato de pesquisa, os métodos de investigação deixam de ser considerados como excludentes, para serem pensados como alternativas que se complementam (NEVES, 1998). Assim, a visão *qualitativo versus quantitativo* foi substituída pela noção de que o qualitativo e o quantitativo, quando somados em um mesmo estudo, podem gerar um conhecimento mais amplo da realidade social. Nesse caso, a idéia de superioridade de uma técnica sobre a outra cede lugar à reflexão sobre a possibilidade de integração metodológica.

Vejamos, então, a contribuição de alguns autores que discutiram essa integração metodológica de forma mais aprofundada. Aqui destacaremos os trabalhos de Sam Sieber e de Eduardo Bericat.

3.1 *A integração metodológica proposta por Sam Sieber²*

Sieber (1973) observa que são vários os benefícios da utilização de mais de um método de pesquisa em uma mesma investigação. Assim, convicto de que a integração metodológica pode garantir bons resultados no processo investigativo, apresenta, em seu artigo, as contribuições que uma metodologia pode trazer para a outra, quando utilizadas em um mesmo estudo. Segundo ele, a integração metodológica, ao permear toda a pesquisa, permite um melhor embasamento para elaboração do projeto de trabalho, favorece o processo de coleta de dados e traz benefícios na fase de análises, seja clareando, contrabalanceando, ou confirmando resultados seja desfazendo conclusões equivocadas.

Sieber observa que diferentes tipos de informação sobre o homem e a sociedade são recolhidos de forma mais prudente e completa quando se utilizam formas diversas de obtenção de dados e, uma vez que a pesquisa social se realiza valendo-se de informações de fontes variadas, o uso de técnicas qualitativas e quantitativas em um mesmo estudo pode contribuir de forma substantiva para a investigação, pois oferece melhores condições de avaliar e de confirmar os resultados alcançados.

Sieber identifica que, por um lado, cada técnica é apropriada a um tipo de informação e, por outro lado, toda técnica de pesquisa está sujeita à polarização, ou seja, apresenta qualidades específicas que lhe agregam vantagens não comparáveis às de nenhuma outra técnica, mas também apresenta fraquezas que lhe são inerentes. Então, nenhum método, sozinho, pode resolver um problema específico, o mais adequado é que o pesquisador procure identificar o conjunto de métodos que poderão ser utilizados para realizar o estudo. Agindo assim, podem ser sanados os problemas que envolvem a aplicação de uma técnica, através do cruzamento de informações provenientes de outra técnica, sendo garantidos melhores resultados.

Considerando ser esse um novo estilo de pesquisa, Sieber observa que são vários os benefícios da integração metodológica, percebendo, no entanto, que essa estratégia é pouco explorada. A maioria dos estudiosos se limita a utilizar um único método de pesquisa.

² Discussão apresentada por Sieber, no artigo *The integration of fieldwork and surveys methods*, publicado na revista *American Journal of Sociology*, v.78, n. 6, 1973.

Sieber identifica formas de integração metodológica nas seguintes fases da pesquisa: a) elaboração do projeto; b) processo de coleta e levantamento de dados e c) análises dos resultados.

Para cada fase, indicaremos as contribuições que uma metodologia pode oferecer à outra.

3.1.1 Fase de elaboração do projeto

Nessa fase inicial, definem-se o objeto de investigação e todas as etapas da pesquisa. O pesquisador identifica e delimita o fenômeno a ser observado, determina os objetivos e as hipóteses com os quais irá trabalhar, indica os procedimentos que serão utilizados para coleta e análise dos dados, caracteriza o campo de investigação, a população-alvo, ou seja, desenvolve o planejamento da pesquisa. Para tal empreitada, deve reunir o máximo de informações dos mais diversos tipos e é por isso que as técnicas qualitativas e quantitativas podem ser bastante úteis, no processo de elaboração do projeto.

- *Como a observação participante pode contribuir para a elaboração do projeto de pesquisa de Survey*

Considerando que dados de fontes não profissionais têm grande peso nessa etapa, Sieber avalia ser de suma importância toda fonte de familiaridade pessoal com o objeto. Segundo ele, através da observação participante, o pesquisador pode obter informações privilegiadas sobre o objeto, o que não poderia ser alcançado por outros meios. Por exemplo, essa forma de trabalhar pode fornecer maior discernimento sobre o contexto pesquisado e garantir coerência entre a construção “teórica” do problema e sua configuração na realidade observada, além de possibilitar seu melhor dimensionamento.

- *Como as técnicas quantitativas podem contribuir para a elaboração do projeto de pesquisas qualitativas*

Em relação às contribuições de técnicas quantitativas ao trabalho qualitativo, Sieber destaca que informações estatísticas podem auxiliar de forma significativa a elaboração do projeto, já que, ao oferecer um perfil estatístico da população que contenha as unidades a serem

observadas, poderá servir de base para a seleção de coletivos ou de indivíduos para o estudo de caso.

Um *survey* pode, também, melhorar o projeto de pesquisa de campo, identificando casos representativos e não representativos, o anterior servindo ao objetivo da generalização e o último à função do refinamento da teoria.

3.1.2 Fase de levantamento de dados

Nessa fase, o pesquisador coleta dados da realidade através da aplicação de técnicas científicas. Para isso, deve desenvolver estratégias de coleta e de registro de informações. Em linhas gerais, quando se propõe uma pesquisa quantitativa, desenvolve-se um questionário estruturado, que deverá ser aplicado a uma amostra da população-alvo. E em relação à pesquisa qualitativa, elaboram-se roteiros de entrevistas, reúnem-se documentos, registram-se informações dos mais diversos tipos.

- *Contribuições que as técnicas qualitativas podem oferecer para os estudos quantitativos na fase de coleta de dados*

Sieber observa que, freqüentemente, muito trabalho exploratório precede o desenvolvimento do questionário preliminar, sendo que quanto maior o conhecimento sobre a população-alvo mais sofisticado o instrumento de coleta de dados e mais fácil sua administração.

Segundo o autor, a aplicação de técnicas qualitativas pode favorecer o desenvolvimento e a aplicação do questionário, reduzir o impacto de fatores intervenientes que poderiam comprometer a realização da pesquisa e otimizar o processo de coleta de dados.

Através de entrevistas exploratórias e de observações de campo, recolhem-se informações essenciais que garantem um bom andamento do processo de coleta de dados, pois tais informações podem indicar o grau de interesse e de receptividade na pesquisa pelos respondentes.

Denominado por Sieber de *teste preliminar qualitativo*, o pré-teste do questionário funciona como ferramenta de aprimoramento do instrumento de coleta de dados. Através dele, evita-se sobrecarregar o respondente ou, mesmo, sub-representar a sua opinião. O pré-teste possibilita, também, a avaliação do entendimento das questões propostas, a adequação das categorias usadas para a população-alvo, viabilizando a adequação do questionário aos fatores e ao contexto em que a pesquisa se insere.

O pré-teste permite, ainda, obter informações sobre o tipo de relação entre entrevistador-respondente, a partir da pesquisa que se propõe. Ao gerar informações sobre receptividade, interesse, entendimento das questões e termos utilizados, esse recurso garante a redução de problemas muito comuns em relação à metodologia quantitativa, que são: o retorno de questionários enviados, a recusa à entrevista. Da mesma forma, facilita o processo de aplicação dos questionários.

Também a Metodologia Qualitativa pode ser usada como meio de legitimar da pesquisa, graças ao aval das lideranças, que favorece a cooperação entre os respondentes.

Segundo Sieber, o pesquisador deve estar atento a possíveis problemas internos ao grupo, tais como conflitos políticos. Quando não devidamente conduzidos, esses conflitos podem resultar em oposição por alguns atores sociais que, por motivos vários, podem pressionar lideranças locais para impedir a realização da pesquisa.

Nesse sentido, o autor recomenda que o pesquisador identifique e busque sustentação da autoridade local apropriada – a de mais elevado nível da organização possível – pois, além de fornecer legitimidade à pesquisa, essa ação evita possibilidade de interferência de opositores à pesquisa durante o processo de coleta de dados.

- *Contribuições que as técnicas quantitativas podem oferecer para estudos qualitativos na fase de coleta de dados*

Sieber destaca duas maneiras em que os dados estatísticos podem contribuir para evitar alguns problemas recorrentes na pesquisa qualitativa durante o processo de coleta de dados:

- 1) equalização da polarização da elite³;
- 2) fornecimento de informações sobre os participantes ou sobre os assuntos que foram negligenciados durante o processo de coleta de dados.

Mas o autor indica, ainda, que dados estatísticos podem trazer informações sobre o contexto em que se realiza a pesquisa, de forma a proporcionar o melhor direcionamento da pesquisa aos objetivos principais, evitando o dispêndio de tempo com perguntas rotineiras que podem ser obtidas através de dados de *Survey*.

3.1.3 *Processo de análise dos dados*

- *Contribuições de técnicas qualitativas à análise de Survey*

Em relação à análise, Sieber identifica sete contribuições das técnicas qualitativas à análise e à interpretação dos dados recolhidos através de técnicas quantitativas.

1. A estrutura teórica que guia a análise pode ser derivada, parcialmente ou totalmente, do trabalho de campo qualitativo.
2. Resultados da pesquisa de *Survey* podem ser validados ou corroborados, ou até mesmo confrontados e invalidados, através de técnicas qualitativas como observações e entrevista com o informante.
3. A interpretação de relacionamentos estatísticos pode ser derivada ou enriquecida a partir de referências a observações de campo.

³ A polarização da elite representa a ocorrência de viés no processo de seleção dos informantes, na coleta e na avaliação dos dados colhidos entre as elites. Em função de vários fatores intervenientes, o pesquisador pode ser levado, inconscientemente, a gastar mais tempo coletando informações com as elites e/ou a dar maior peso ao ponto de vista desses grupos, em detrimento da opinião de participantes de nível inferior.

4. A construção dos índices para o uso na análise do survey pode derivar-se da entrevista sistemática ao informante ou de observações mais ocasionais provenientes do trabalho de campo.
 5. A validação externa de construções estatísticas (índices) pode ser confirmada pela referência ao trabalho de campo e entrevistas exploratórias.
 6. Os relatórios de trabalho de campo podem ser usados para ilustrar tipos estatísticos e históricos, que foram identificados através da análise estatística.
 7. As respostas ‘provocativas’ e confusas ao questionário podem ser esclarecidas através de técnicas qualitativas, como, por exemplo, as anotações de campo.
- *Contribuições de técnicas quantitativas à análise de dados de pesquisas qualitativas*

Segundo Sieber (1973), são quatro as contribuições da pesquisa quantitativa à compreensão das observações de campo:

- 1) Correção do engano holístico, tendência a perceber todos os aspectos de uma situação social como congruentes;
- 2) Demonstração da generalidade de uma única observação;
- 3) Verificação das interpretações de campo, de forma a validar os resultados encontrados, garantindo maior sustentação ao trabalho;
- 4) Descoberta de ‘nova luz’ em resultados de campo – a natureza imprevista de algumas descobertas de pesquisas quantitativas pode iluminar uma observação de campo que seja de difícil compreensão.

3.1.4 Considerações de Sieber sobre a integração metodológica

Ao indicar as vantagens do uso concomitante de técnicas qualitativas e de técnicas quantitativas, em um mesmo estudo, Sieber demonstra que tal estratégia pode favorecer o

processo investigativo. Mas, para isso, denota que o pesquisador deverá elaborar um cronograma da pesquisa que envolva a intercalação de tais técnicas em todo o processo.

Em alguns estudos, a aplicação de uma metodologia precederá o uso da outra. Em outros casos, deve ocorrer a simultaneidade ou até mesmo a alternância do uso das técnicas qualitativas e quantitativas.

Sieber observa que, quando as técnicas são distribuídas a diferentes membros da equipe da pesquisa, com competências específicas, o processo torna-se mais fácil de ser administrado.

O autor reconhece que, quando a pesquisa tem como alvo grupos de limites definidos e que apresentam população organizada em que é fácil identificar os respondentes, a integração metodológica é realizada mais facilmente. Isso, no entanto, não exclui a possibilidade de se realizar a integração metodológica em outros contextos.

Segundo o autor, os ajustes em projetos tradicionais de pesquisa chamados para a integração de técnicas qualitativas e técnicas quantitativas indicam um estilo novo de pesquisa, que vai, aos poucos, dissolvendo os limites entre as duas tradições. Como visto acima, tal prática pode favorecer as estratégias de pesquisa social e recompensar os esforços empenhados na realização da pesquisa, garantindo o alcance de melhores resultados.

3.2 *A proposta de integração metodológica apresentada por Eduardo Bericat*

Em *La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social*, Bericat (1998) parte do pressuposto de que as vertentes qualitativa e quantitativa são apenas formas diferentes de apreender a realidade, que, na verdade, constituem a configuração do esquema binário que está presente em toda forma de conhecimento humano. Assim, visando à superação da dicotomia *qualitativo versus quantitativo*, o autor comprova a viabilidade da integração metodológica e justifica que ela pode fornecer análises mais completas da realidade, pois permite o uso dos “instrumentos” de apreensão do real disponíveis ao pesquisador.

Em sua proposta, Bericat visualiza três formatos em que a integração metodológica pode se dar: *Complementação*, *Combinação* ou *Triangulação*, conforme o grau de integração que cada uma proporciona. Os trabalhos que optam por esse tipo de proposta, ele os denomina de *desenho multimétodo*. Vejamos, então, cada uma de suas propostas de integração.

3.2.1 *A estratégia de integração via Complementação*

Segundo Bericat, a Complementação se dá quando, na base de um mesmo estudo, se obtêm duas imagens, uma procedente de um método e outra de outro método. Assim, o produto final desse tipo de desenho multimétodo apresenta resultados da aplicação de cada método sem a interferência do resultado de um sobre o resultado do outro. Trata-se de uma opção em que o objeto de estudo impõe ao pesquisador a análise de aspectos diferentes entre si, que exigem tratamento diferenciado, apresentando resultados alcançados pela aplicação do respectivo método.

Para esse autor, a Complementação se baseia na idéia de que cada metodologia aborda aspectos diferentes, dando origem a imagens distintas da realidade social. Quando aplicada, permite a ampliação do nosso conhecimento do fenômeno social. Mesmo que o grau de integração metodológica seja mínimo, é, no entanto, essencial para um melhor entendimento do fenômeno.

Não se propondo a convergência ou confirmação entre os resultados, essa opção se caracteriza por oferecer um formato de integração que decorre da aplicação de duas estruturas paralelas de análise do fenômeno social, que se realiza através da aplicação de ambas as metodologias, a qualitativa e a quantitativa.

3.2.2 *A estratégia de integração via Combinação*

Em relação à estratégia de Combinação, tipo de integração mais frequentemente utilizado, observa-se que a integração ocorre visando subsidiar um método com a aplicação do instrumental de outro. As debilidades de um método são compensadas pela incorporação de informações que procedam da aplicação do outro método.

A integração ocorre, por exemplo, quando o pesquisador utiliza técnicas da metodologia qualitativa para aperfeiçoar e aprimorar o instrumental metodológico de pesquisas quantitativas. É o caso do uso de grupos de discussão para melhorar a confecção de um questionário, ou de *surveys* para generalizar os resultados obtidos por um processo investigador baseado em grupos de discussão. Essas seriam formas de trabalho em que uma metodologia pode contribuir de forma auxiliar em um estudo que utiliza como principal abordagem metodológica a outra vertente.

3.2.3 *A estratégia de integração via Triangulação*

A aplicação da estratégia de Triangulação envolve a utilização de ambas as orientações para o reconhecimento de um mesmo e idêntico aspecto da realidade social. É diferente da estratégia de complementação, que procura trazer à tona diferentes aspectos da realidade, trabalhando conteúdos específicos e independentes dentro de um mesmo fenômeno. Na estratégia de triangulação, busca-se a convergência dos resultados.

Apesar de os métodos serem aplicados de forma independente, enfocam uma mesma parte da realidade com instrumentos diferentes. Na triangulação, portanto, o grau de integração aumenta, e a legitimidade da estratégia está condicionada pela possibilidade de duas

metodologias diferentes, a quantitativa e qualitativa, captarem, em parte ou totalmente, um mesmo fato.

Nessa estratégia, é possível prever dois tipos de usos possíveis. Um se refere ao problema de medição: pretendendo validar uma medida, utilizam-se dois métodos diferentes para alcançar uma melhor compreensão de um determinado aspecto do objeto de estudo. O segundo se refere a contrastar hipóteses visando aumentar a confiabilidade dos resultados. Então, os dois métodos seriam utilizados em função da confirmação dos resultados por duas vias.

O trabalho de Bericat se revela de grande importância para a discussão do nosso tema, uma vez que, além de discutir os tipos possíveis, ainda apresenta, de forma bastante completa, os pressupostos da integração, comprova a viabilidade técnica dessa proposta, e ainda apresenta vários exemplos visando oferecer um arsenal que possa servir de parâmetro ao pesquisador.

Segundo esse autor, a integração metodológica deve ser analisada quanto à viabilidade, tendo em vista a abordagem metateórica que, em alguns casos, vincula-se à utilização de um tipo de método que lhe é específico – por exemplo, estudos micro-sociológicos, que requerem tratamento qualitativo. Também observa que não se trata de uma mera sobreposição de técnicas, mas de um formato de investigação, que, como lembra Sieber, constitui-se em um novo estilo de investigação.

Uma vez que já foram apresentadas diferentes propostas sobre a integração dos métodos, passamos ao relato de algumas experiências de pesquisas.

4 REFLEXÃO ACERCA DA APLICAÇÃO DA METODOLOGIA QUALITATIVA E DA METODOLOGIA QUANTITATIVA: OBSERVAÇÃO A PARTIR DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS EM PESQUISAS

Neste Capítulo, serão abordados três estudos empíricos que nos permitem especificar a questão da integração metodológica discutida na dissertação.

Começaremos pelo trabalho de Neuma Aguiar (1978), *Observação participante e Survey: uma experiência de conjugação*, prosseguindo com a análise de duas pesquisas que desenvolvemos, anteriormente: *Diagnóstico Cultural da Vila Senhor dos Passos*, e *A permanência do ofício de alfaiate em um contexto industrial*⁴. Em relação a esses trabalhos, oferecemos uma contextualização mais aprofundada da investigação, trazendo as questões metodológicas que surgiram ao longo da pesquisa.

A análise desse material nos permitirá uma reflexão sobre os tipos de abordagem do objeto, a partir de suas características, e uma avaliação do potencial metodológico das vertentes qualitativa e quantitativa e realizar o que Becker (1997) aponta como ideal.

Em vez de tentar colocar suas observações sobre o mundo numa camisa-de-força de idéias desenvolvidas em outro lugar, há muitos anos atrás, para explicar fenômenos peculiares a este tempo e a este lugar, os sociólogos podem desenvolver as idéias mais relevantes para os fenômenos que eles próprios revelaram. (BECKER, 1997, p. 12)

⁴ As duas últimas pesquisas citadas foram realizadas pela autora desta dissertação. A pesquisa “*Diagnóstico Cultural da Vila Senhor dos Passos*” foi desenvolvida junto ao LAPST - Laboratório de Pesquisa em Sociologia do Trabalho. E a pesquisa “*A permanência do ofício de alfaiate em um contexto industrial*” constitui-se monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais.

4.1 A conjugação metodológica a partir do estudo realizado por Neuma Aguiar

Um exemplo de pesquisa que alia a metodologia qualitativa e a quantitativa foi apresentado por Aguiar (1978) em *Observação participante e Survey: uma experiência de conjugação*. A pesquisadora, ao buscar uma explicação daquilo que considerou um paradoxo – a coexistência do artesanato e da indústria manufaturando os mesmos tipos de produtos –, utilizou tanto o método de observação participante, técnica da metodologia qualitativa, como o de *survey* instrumento da metodologia quantitativa.

Aguiar parte da perspectiva de que

[...] dados obtidos tanto através de observação participante, quanto através de *survey* podem carecer de generalidade na medida em que os de observação participante possam se ater de forma muito exclusiva ao contexto investigado, e os de *survey*, além deste risco, podem incorrer também em outro, ou seja, o de que a exatidão ótima não corresponda à que se alcança dada a baixa explicação da variância que é possível obter através desta última técnica. (AGUIAR, 1978, p.126)

Aguiar faz uso de da triangulação metodológica (conforme a tipologia de Bericat), para atingir a generalização desejada. Para superar o nível da experiência, a pesquisadora usa a metodologia quantitativa através de questionários de *survey*, cujas categorias foram identificadas por meio de técnicas qualitativas. Sua pesquisa propicia, assim, o aumento da variabilidade dos dados e permite situar o fenômeno em um contexto mais amplo, favorecendo o processo de generalização.

Assim como Sieber (1973), Aguiar acredita que, no processo de investigação, o uso de múltiplas formas de abordar o fenômeno é bastante positivo, pois,

Nenhuma forma de introdução produz amplo acesso a todos os dados e a mesma maneira de inserção, embora facilitando uma via ao conhecimento, pode vedar outras. Múltiplas formas de acesso, todavia, podem elucidar questões que são escondidas no decorrer do contato pessoal no processo de observação participante. [Ressaltando também que,] Biografia e teoria foram acionadas como formas de ampliar as possibilidades de conhecimento, a interação entre estas, revelando vazios. (AGUIAR, 1978, p. 136)

Ao constatar a surpervalorização de atividades que exigiam grande esforço físico em um contexto em que há a introdução de máquinas, a autora contradiz as expectativas teóricas que pregavam o deslocamento da valorização daquele que impulsiona a fábrica com o uso da

força bruta para aquele que controla a máquina e, conseqüentemente, a produção. Aguiar buscou verificar se essa era uma questão específica ou se correspondia a uma questão mais geral da situação industrial.

Para isso, ampliou seu estudo a outras fábricas da região estudada, o que exigiu repensar a estratégia adotada de coleta de dados, pois em algumas fábricas, o grande número de empregados tornava impossível o uso da metodologia qualitativa. Em uma delas, por exemplo, Aguiar indica que havia 400 funcionários. Lançou mão, então, da elaboração de um *survey*, para avaliar a generalidade de determinadas hipóteses reformuladas no contexto de utilização da observação participante. A alternativa de integração metodológica se apresentou como viável, a partir da necessidade apresentada na investigação.

Um dos problemas identificados no estudo está relacionado com as especificidades do objeto de investigação. A partir dos dados coletados com técnicas qualitativas, Aguiar elaborou tipos ideais, que se constituem um importante parâmetro analítico no desenvolvimento do instrumental de coleta de dados quantitativos, criando, assim, um instrumental analítico mais apropriado à realidade pesquisada.

Ao fazer uso da metodologia qualitativa, Aguiar buscou adequar as categorias de análise de estratificação social, pois, o formato de análise de estratificação social comumente utilizado e reconhecido no campo científico não se aplicava ao contexto pesquisado. Desta forma, a pesquisadora demonstrou que, muitas vezes, a realidade da pesquisa exige uma postura crítica quanto aos próprios pressupostos e recursos metodológicos.

Sobre este fato, vale ressaltar que a inadequação de categorias pode levar o pesquisador a equívocos que passam até mesmo despercebidos. Esse é o caso de se usar em *surveys* categorias aparentemente óbvias sobre determinado tema, mas que são desconhecidas pela população alvo da pesquisa. Entretanto, não há como detectar este problema sem a utilização de recursos da metodologia qualitativa, pois é ela que pode revelar os pontos falhos e dificuldades de entendimento de termos e categorias utilizadas nos instrumentos de coleta de dados - os questionários. No caso em questão, o termo “salário”, por exemplo, não oferecia condições para obter informações sobre “rendimento”, pois os trabalhadores consideravam que apenas os de carteira assinada tinham “salário”, o que não era a realidade daqueles trabalhadores em questão. Assim, as perguntas relacionadas à renda, e que seriam usadas como indicadores de estratificação social, poderiam ser entendidas de forma equivocada, o

que comprometeria os resultados. Esse fato serviu como indício para buscar categorias mais adequadas ao contexto de investigação.

Através da conjugação metodológica a pesquisadora pode avaliar o quanto a estrutura industrial alterou a estrutura artesanal de produção do lugar. Tal percepção foi essencial para estabelecer comparações entre as unidades produtivas e subsidiar a generalização dos resultados.

A identificação de formas diferentes de organização social da produção permite analisar as dificuldades geradas pelo caráter da industrialização. A grande indústria capitalista amplia as distâncias sociais entre diferentes ocupações, que podem ser apreciadas pela comparação sistemática entre atividades comuns de diferentes unidades produtivas utilizando tecnologias diversas que vão desde a execução manual das tarefas até um alto grau de controle da natureza pela técnica. O estudo realizado de modo comparativo permite a generalização. (AGUIAR, 1978, p. 151)

Como observamos, nesse estudo, a integração metodológica se apresentou como alternativa que possibilitou identificar as especificidades do objeto observado e ofereceu soluções adequadas para tratá-lo, alcançando um nível de generalização almejado na investigação.

A estratégia adotada se insere na proposta discutida por Becker (1997) de que o pesquisador deve buscar meios de resolver os problemas que lhe aparecem no decorrer da pesquisa, pois cada objeto de estudo envolve aspectos específicos que diferem de outros já investigados. Assim, o pesquisador deve se utilizar do arsenal metodológico que lhe é disponível, de forma a adequá-lo ao contexto analisado. Deste estudo destacamos os seguintes aspectos que reforçam a proposta de integração metodológica:

- ultrapassa a narrativa do entrevistado através do uso da metodologia quantitativa e avalia a extensão das observações de campo;
- promove uma reflexão que lhe é trazida pelos envolvidos na investigação de questionarem a posição que ocupa enquanto pesquisadora;
- articula abordagens teóricas para tratar o fenômeno que observa de forma crítica;
- proporciona a reavaliação da abrangência do recurso teórico para tratar as especificidades do fenômeno identificado; e

- promove a discussão sobre as categorias já consolidadas mas de alcance limitado quando se investigam contextos muito específicos.

Comprova-se, assim, que o uso articulado de ambas as metodologias foi de suma importância e contribuiu de forma substantiva para que a pesquisadora alcançasse um conhecimento melhor embasado da realidade que investigou. Destacamos que essa estratégia metodológica pode favorecer em vários aspectos a investigação sociológica e proporcionar um conhecimento mais aprofundado do fenômeno social.

4.2 Uma pesquisa em que o uso de métodos qualitativos e quantitativos de pesquisa se impôs: O diagnóstico cultural da Vila Senhor dos Passos

A pesquisa *Vila Senhor dos Passos: Diagnóstico Cultural e Plano de Ação* nasceu de uma demanda da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), através da Secretaria de Coordenação Municipal de Gestão da Regional Noroeste à qual pertence a Vila Senhor dos Passos. O principal interesse era identificar as diretrizes de ação para fomentar as atividades culturais na Vila e difundi-las entre a população.

Localizada próximo a uma das áreas que apresenta os maiores índices de violência e criminalidade em Belo Horizonte – a Pedreira Prado Lopes, a Vila Senhor dos Passos se insere em um quadro crítico: revela problemas sociais causados por altas taxas de desemprego, falta de infra-estrutura, de espaços de lazer para as crianças e jovens. Trata-se de uma população bastante vulnerável.

Nesse contexto, assiste-se a um aumento da criminalidade, da violência, e verificam-se outros conflitos sociais. A demanda por políticas públicas que venham sanar tais problemas é urgente e faz-se necessário criar alternativas de emprego e renda que viabilizem a inserção de mão-de-obra disponível no mercado de trabalho.

A Prefeitura procura, através de intervenções como a construção de espaços comunitários, para atender às necessidades da população, encontrar saídas para esse quadro tão propício à criminalidade. E é nesse contexto que se pensou em conhecer melhor a fisionomia da Vila, para levantar seu potencial, captar as demandas da população local por atividades culturais e visualizar de que forma a PBH poderia ajudar a implementá-las, usando a cultura como estratégia para uma vida mais digna.

Observou-se a necessidade de um levantamento, junto à população mais antiga, do histórico de ocupação do espaço, o que seria realizado paralelamente a uma investigação, junto a órgãos públicos, da documentação existente sobre a história da cidade.

Para traçar o perfil geral dos moradores, foram usados como base estudos sobre comunidades que se assemelham à da Vila - seja no tipo de população, seja na forma em que se deu a ocupação da região. Além disso, também foram utilizados dados de outras pesquisas feitas tendo a própria Vila como objeto. Foram, ainda, coletados dados sobre a população, seu perfil sócio-econômico e índices de qualidade de vida.

Todo tipo de material disponível sobre a Vila foi pesquisado. No entanto, grande parte das informações que procurávamos não estava disponíveis nas fontes convencionais de pesquisa. Era necessário contactar os atores sociais importantes na história da comunidade, para conhecer melhor esse aspecto da vida social.

Faria parte do estudo uma análise das instituições presentes na Vila, observando o seu envolvimento na comunidade e o seu papel no desenvolvimento de atividades culturais. Também seria importante aplicar entrevistas em profundidade com representantes das instituições, o que poderia ajudar a traçar o seu histórico e a sua ação na comunidade, aprofundando questões sobre a vida da comunidade, atuação comunitária, líderes comunitários etc.

Dados da Prefeitura indicavam a existência de agentes culturais, assim chamadas as pessoas que desenvolvem atividades culturais como atividade principal ou como segunda atividade de renda, e 6 (seis) formadores de opinião, que estariam atuando em instituições influentes na comunidade.

Foram traçados os seguintes objetivos:

- 1) levantar o potencial cultural da Vila Senhor dos Passos;
- 2) traçar o perfil dos agentes culturais já existentes;
- 3) identificar as demandas junto a esses agentes, levantando as carências da população para sua possível satisfação;
- 4) indicar diretrizes para a formulação de um Plano de Ação compatível com os anseios dos moradores da Vila Senhor dos Passos;
- 5) identificar os recursos disponíveis na comunidade para a implementação do Plano de Ação na área cultural;
- 6) identificar as possíveis parcerias viabilizadoras da implementação do Plano de Ação.

Essa proposta trouxe a discussão sobre a metodologia a ser usada. Inicialmente, a abordagem qualitativa se apresentou como mais adequada, e a estratégia de *bola de neve* nos pareceu perfeita – um agente cultural, após ser entrevistado, indicaria um outro e esse outro daria o

nome de mais um, até que se tivesse alcançado o nível de saturação. Por meio dessa estratégia, seria possível conhecer os agentes culturais, suas redes de relações e ainda traçar um plano para captar-lhes as demandas, para que a Prefeitura pudesse atuar de forma a atendê-las. Além disso, esses moradores, por sua vez, revelariam como poderiam contribuir para o desenvolvimento da vida cultural da Vila. A pesquisa qualitativa nos garantiria alcançar os dados necessários para análise, e as instituições seriam investigadas a partir de informações de seus representantes.

Estava traçado o projeto do diagnóstico cultural da Vila. Entretanto, a estratégia planejada não garantiria um retrato real da comunidade, já que apenas determinados personagens/atores seriam ouvidos, ficando de fora todo o resto da população. Os dados advindos da estratégia elaborada não nos dariam nenhuma informação sobre as demais pessoas que moram na Vila, pessoas cuja bagagem cultural fica ocultada na malha social, seja por ostracismo, seja por exercerem uma atividade que nem sempre é relacionada à dimensão cultural. Como exemplo, citamos as bordadeiras, que aprendem o ‘ofício’ dentro do seio familiar - uma tradição que passa de geração a geração. Da mesma forma, várias outras atividades relacionadas ao artesanato, que muito podem contar sobre o patrimônio cultural da comunidade, não seriam contempladas.

Para conhecer esse aspecto da Vila, aplicar técnicas qualitativas seria inviável, já que não tínhamos nenhum tipo de informação sobre tais pessoas. E tratava-se de um universo muito grande de investigação: o tamanho da população residente – mais de 4 mil pessoas – não era condizente com a estratégia qualitativa. Se fôssemos pesquisar junto a todos aqueles que desempenham alguma atividade de cunho cultural, gastaríamos muito tempo e o resultado não seria tão satisfatório, considerando o esforço necessário para realizar o trabalho.

Aparentemente, estávamos diante de um problema sem solução, já que a metodologia qualitativa se mostrava insuficiente. Havia ficado claro que, para conhecermos melhor a realidade dos agentes culturais daquela região, deveríamos escutá-los, mas como ficava o resto da população? Com estratégias qualitativas poderíamos alcançar parte de nosso objeto. Entretanto, como se tratava de um diagnóstico, a população como um todo deveria ser ouvida.

Deveríamos buscar conhecer a bagagem cultural dos moradores, seus anseios e desejos em termos de atividades culturais; tínhamos interesse em saber um pouco sobre as atividades que

a população já exerce e que não aparecem nos dados dos órgãos públicos, mas que fazem parte da vida cultural dos moradores.

O *survey* surgiu como estratégia viável, uma vez que possibilitaria atingir toda a população. No entanto, se optássemos apenas por essa metodologia, seria inviável desenvolver um instrumental que nos fornecesse informações específicas sobre o exercício de atividades culturais na Vila desenvolvidas por pessoas já identificadas. Estaríamos, assim, deixando de coletar informações essenciais para o estudo, pois a aplicação do *survey* nos forneceria dados muito gerais, o que inviabilizaria a construção de um diagnóstico cultural adequado para a elaboração de um plano de ação da Prefeitura.

Assim, a combinação das Metodologias Qualitativa e Quantitativa se apresentou como proposta mais viável ao estudo, pois permitiria adequar as estratégias de pesquisa para os diferentes enfoques. Seria possível, então, alcançarmos aquela realidade, levantando dados substantivos para a análise. Considerando que nosso objeto era multifacetado, com composições que exigiam um tratamento diferenciado em função de suas características, optamos pela combinação de metodologias.

Inicialmente, foram realizadas visitas de reconhecimento do local e conversas informais com os moradores e membros da Associação Comunitária. Esses primeiros contatos foram importantes, para que a equipe se familiarizasse com o meio e com as questões das quais iriam tratar, além de dar subsídios à elaboração dos roteiros de entrevistas a serem aplicadas em pessoas-chave da comunidade, fontes primárias de informação. E também serviram de reconhecimento do local para a fase de aplicação dos questionários, desenvolvidos a partir da metodologia de *survey*.

Em síntese, o projeto percorreu três etapas. Para analisar as informações sobre a história da Vila - sua ocupação e desenvolvimento, os atores sociais importantes, as singularidades do local -, buscou-se o estudo de documentos resultantes de pesquisas anteriores. A seguir, foi realizada uma pesquisa qualitativa com os atores sociais de destaque na vida social da Vila. O último passo foi a pesquisa quantitativa - um *survey*, que teve como alvo a população -, cujo intuito foi, por um lado, identificar a preferência dos moradores em relação a um rol de atividades previamente pensadas, e, por outro lado, levantar as tradições e as atividades culturais, tentando captar os “talentos ocultos” da Vila, avaliando o interesse e o potencial da população em relação a atividades culturais.

A partir de uma abordagem qualitativa foram desenvolvidos roteiros de entrevistas direcionados aos seguintes atores sociais:

- 1) *Agentes Culturais*: pessoas que desenvolvem atividades culturais que nos serviram como fonte de informação sobre a comunidade e suas peculiaridades em termos culturais;
- 2) *Formadores de Opinião*: pessoas de respaldo social, reconhecidas pela comunidade, ligadas às instituições religiosas, educacionais, e comunitárias que tinham condições de nos informar sobre o cotidiano da Vila e as atividades culturais mais visíveis.

Cada roteiro de entrevista teve um interesse específico. Para os agentes culturais, visou-se conhecer em que condições exercem a atividade cultural, as características de sua atividade e a forma como desenvolvem e apresentam seu trabalho. O intuito foi, de um lado, avaliar o potencial desses atores, buscando traçar o seu perfil e, de outro, analisar como poderiam atuar quando da implantação do Plano de Ação da PBH. Em relação aos formadores de opinião, buscou-se investigar as instituições atuantes na Vila Senhor dos Passos, descobrir se desenvolvem algum projeto cultural e de que forma poderiam ser acionadas, também quando da implantação do Plano de Ação. Recorde-se que as instituições pesquisadas foram: o Movimento dos Moradores da Vila, a Escola Estadual Silviano Brandão, a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, a Associação Grupo Espírita “O Consolador”, a ONG CDM e o Agente Jovem.

O *survey* foi usado para buscar informações sobre agentes culturais incógnitos e sobre suas atividades que, apesar de não aparecem nas estatísticas, merecem atenção, já que podem evidenciar a cultura popular de uma comunidade. Também, através dessa estratégia, foi possível investigar, junto aos moradores, suas reais demandas por atividades culturais e suas carências. A partir de uma listagem de domicílios, foi selecionada uma amostra que cobria uma população para qual seria aplicado um pequeno questionário, sendo o domicílio a unidade de análise. Assim, o entrevistado - um informante - forneceu dados sobre todos os moradores do domicílio.

A realização do *survey* contou com a participação de moradores da Vila na equipe de campo, o que se mostrou bastante interessante, pois, por se tratar de pessoas que conhecem a região, foi mais fácil o processo de coleta de dados, já que os mapas oferecidos pelos órgãos públicos

nem sempre eram suficientes, em função da grande ocorrência de becos e vielas e também por causa da numeração irregular dos domicílios. Além disso, a presença de moradores da Vila forneceu certa tranquilidade aos entrevistados, que se sentiam mais à vontade para responderem aos questionários, e também aos entrevistadores que se sentiam mais seguros em uma ambiente em que a violência é latente.

Com essa pesquisa, foi possível avaliar uma situação que exigiu a aplicação de ambos os tipos de métodos. É interessante observar que não houve a predominância de um método sobre o outro, mas a utilização de cada um, em fases diferentes do estudo. Utilizamos, portanto, a alternativa de integração metodológica no formato de Complementação, tal como definido por Bericat (1998). Tal estratégia se impôs como necessária para apreensão da realidade, tendo se mostrado um recurso essencial para tratar os diferentes aspectos que envolviam o fenômeno observado.

4.3 A permanência do ofício de alfaiate em contexto industrial: reflexões sobre um estudo qualitativo

As mudanças desencadeadas pela revolução industrial na sociedade moderna alteraram a organização do trabalho e possibilitaram o surgimento do trabalho assalariado. No sistema capitalista de produção, o indivíduo, desprovido de suas próprias ferramentas de trabalho, em troca de salário, vende sua força de trabalho que, nesse sistema, é apenas mais uma mercadoria, entre tantas outras. No entanto, ainda é possível observar a existência de *ofícios* que conservam características de um modo de produção correspondente ao período pré-capitalista, em que o trabalhador detém o conhecimento de todo o processo produtivo e ainda mantém suas próprias ferramentas de trabalho. Esse é o caso do Alfaiate, ofício que revelou conseguir sobreviver à forma de trabalho capitalista, ou seja, ao mercado industrializado. A pesquisa sobre esse ofício ocorreu entre 2000 e 2001 e se constituiu como monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais.

Nela, foi avaliado o contexto histórico, social e político em que o ofício se desenvolveu, sendo realizado o levantamento de seus traços artesanais, em comparação à indústria de confecção. Outro aspecto investigado foi o processo histórico de passagem do artesanato à manufatura e dessa para a indústria. E, finalmente, procedemos à comparação entre o artesão e o operário da indústria, o que permitiu avaliar como o alfaiate guarda as características do modo de produção artesanal e consegue se adaptar ao novo contexto, mantendo seu ofício.

Para levar a efeito o trabalho, empregamos a Metodologia Qualitativa. Vamos refletir, agora, sobre o que poderia ter sido feito caso empregássemos, concomitantemente, também a Metodologia Quantitativa.

O desenvolvimento industrial ocorrido no século XX promoveu o desaparecimento de várias profissões e o surgimento de tantas outras. Profissões ligadas à produção de roupas se diversificam rumo à especialização. Surgem profissionais que irão cuidar da concepção da roupa e da elaboração de modelos, enquanto outros profissionais cuidarão da confecção em si e vão alimentar a indústria da moda. Nesse mercado, parece não existir mais espaço para o ofício de alfaiate. Entretanto, a pesquisa mostrou que, mesmo em pequeno número, esses alfaiates são absorvidos pelo mercado de trabalho e ainda são mantidos pela indústria de confecção, em que são responsáveis pela produção de peças mais elaboradas.

Para investigar quais fatores propiciam tal fenômeno, foram realizadas observações e entrevistas com profissionais da área, além da análise bibliográfica. Foi possível perceber que o tipo de produto que o alfaiate oferece se destaca, em um contexto em que seu serviço ultrapassa a confecção pura e simples de uma peça de vestuário, estando relacionada ao estabelecimento de relações sociais que a indústria, por mais que tenha evoluído, não consegue oferecer.

Ficou evidente que não se trata unicamente de uma relação mercadológica de *compra e venda*. Estão envolvidas questões relacionadas às redes de relações sociais. Tal elemento é o que impede à indústria de avançar nesse meio e suprimir tal profissional do mercado.

No caso dos ofícios, aquele que inicia sua carreira profissional, por exemplo, de alfaiate tende a permanecer nela, até o final de sua vida, sem nunca ter experimentado outra profissão. Esse fator garante a consolidação do indivíduo na atividade e contribui para o estabelecimento de parâmetros que nortearão as relações sociais com seus clientes.

É importante salientar que se trata de um trabalhador que se destaca por dominar todo o processo produtivo da roupa e, ainda, por se manter atualizado no que diz respeito às inovações tecnológicas, possui maquinário próprio – o que lhe garante certa autonomia perante o mercado de trabalho, e está sempre atualizado em relação às últimas tendências – seus clientes se incumbem de trazer-lhe os modelos, revistas, tecidos, e outros artefatos que se encontram na moda.

Por outro lado, o alfaiate conhece e dispõe de fornecedores de matéria-prima, casas especializadas em tecidos e aviamentos, o que lhes garante o acesso a produtos de acabamento de qualidade compatíveis ao da indústria da confecção.

A aplicação da Metodologia Qualitativa viabilizou analisar o ofício do alfaiate a partir das características que lhe permitem se manter mesmo em face do sistema industrial de produção. Por exemplo, por dominar todo o processo de confecção da roupa, o alfaiate dispõe de confiabilidade diante do cliente, que está em busca de uma peça que lhe dê conforto, ‘segurança’, ou até mesmo *status*; e, nesse caso, a indústria, para oferecer tal grau de satisfação, eleva em muito o preço de seus produtos, o que limita sua clientela às classes mais abastadas.

Também foi possível observar como essa é uma profissão masculina. É curioso observar que, mesmo com a existência do termo *alfaiata*, que é encontrado em dicionários da língua portuguesa, para designar a profissional do sexo feminino, a mulher que se especializa em roupa sob medida é identificada como *costureira*. Tal denominação é atribuída às trabalhadoras da confecção de roupa, sem a distinção entre a que domina todo o processo produtivo e aquela que apenas realiza pequenos ajustes, ou que trabalha em sistema industrial se limitando a costurar peças que já lhe chegam cortadas. Também há diferenças no processo de aprendizagem pelo qual passa o profissional do sexo masculino e a profissional do sexo feminino. Abreu (*apud* GUIMARÃES, 2001) demonstra que, enquanto o primeiro inicia a aprendizagem com o intuito de se inserir no mercado de trabalho, a segunda sempre teve a aprendizagem da arte de confeccionar roupas como um atributo feminino, na maioria dos casos sem a pretensão de se profissionalizar.

A Metodologia Qualitativa utilizada na pesquisa tornou possível a análise das características do ofício de alfaiate, além de viabilizar a descoberta daquilo que faz coexistir essa profissão com a indústria. Proceder dessa maneira, no levantamento e na investigação dos dados, também permitiu avaliar a organização do trabalho, o atendimento ao cliente e as relações que permeiam o ambiente de trabalho, sendo possível perceber as condições para a permanência do ofício do alfaiate num contexto industrial.

A reunião das informações colhidas em campo e a revisão bibliográfica permitiram a análise da permanência do ofício do alfaiate em contexto em que a indústria se diversificou e se aprimorou consideravelmente, oferecendo produtos comparáveis àquele confeccionado pelo alfaiate e apresentando vantagens que parecem se sobrepor às das peças artesanais do alfaiate. Veja-se, por exemplo, o fato de que a roupa fabricada sob medida exige a realização de provas para adequar-se ao corpo do cliente, o que, hoje, é praticamente inconcebível, considerando a premência do tempo. Em outras palavras, o processo produtivo da roupa feita a partir do alfaiate é incompatível com as características da vida moderna – leva muito mais tempo para ficar pronta! No entanto, o ofício permanece no contexto industrial e tem achado formas de se manter.

Por outro lado, a pesquisa qualitativa revelou que estão se esgotando as condições da permanência, no mercado, dessa profissão, dada a não renovação da mão-de-obra e as dificuldades de se manter o sistema de aprendizagem através da estrutura de ofício. Ao mesmo tempo, é possível verificar, também, que, atualmente, criou-se um sistema de

qualificação do profissional, realizada por instituições que oferecem cursos técnicos. O SENAC e o SESC, por exemplo, em Belo Horizonte, oferecem cursos de confecção da roupa no método do alfaiate. Assim, a falta de reposição da mão-de-obra – que poderia levar à extinção da profissão – parece estar sendo resolvida por meio da estrutura de aprendizagem fora do modelo de ofício. Talvez essa seja uma forma de adaptação encontrada, que permite a renovação da mão-de-obra de um ofício que encontra lugar no mercado de trabalho. No entanto, ao mesmo tempo, também é necessário discutir o seguinte: as adaptações feitas para conservar a profissão de alfaiate nos moldes de ofício não estariam, na verdade, levando à extinção dessa profissão? As mudanças que se observam não estariam dando lugar a um outro tipo de profissional, nos moldes de indústria? Essa é uma questão ainda a ser investigada.

Esses foram os resultados alcançados através da aplicação da Metodologia Qualitativa. Alguns aspectos do objeto, que a aplicação dessa metodologia não conseguiu analisar, dizem respeito a, por exemplo: informações sobre o número de profissionais que se encontram no mercado, seu perfil e tipo de inserção no mercado. Para isso, seria interessante realizar uma investigação em que fosse empregada a Metodologia Quantitativa. Nesse sentido, o primeiro passo seria avaliar a disponibilidade de dados quantitativos sobre a profissão e os dados já existentes tipo RAIS (Relação Anual de Informações Sociais - Ministério do Trabalho) e os que se encontram na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar - IBGE). Porém, tais bases de dados trazem informações sobre os trabalhadores da área sem especificar a categoria que nos interessa. Daí percebe-se a necessidade de construção de uma base de dados própria.

Assim, inicialmente, seria necessário realizar um levantamento dos estabelecimentos em que os alfaiates atuam, por conta própria ou na indústria, para, então, elaborar um *survey* em que fosse possível analisar as características da formação da mão-de-obra. Poderíamos investigar, por exemplo, se esses profissionais mantêm as características de seu ofício – dominar todo o processo produtivo da peça de roupa – e em que grau. Ou se estão sendo incorporados pela indústria e como esse processo está se dando. Nessa última hipótese, como consequência, estaria ocorrendo a perda do saber fazer característico do ofício.

Também seria necessário avaliar a idade dos trabalhadores e o grau de envelhecimento dessa mão-de-obra, em contrapartida à sua renovação. Outro ponto que poderia ser explorado diz respeito às formas de inserção no mercado de trabalho pelas quais esse profissional já passou. Com isso, estaríamos avaliando o quanto a indústria vem agregando o profissional,

incorporando-o à estrutura industrial de fabricação, mantendo-o no exercício de tarefas parceladas do processo de fabricação da roupa - característico da indústria -, de forma a absorvê-lo em seu sistema. Também faz sentido investigar os tipos de atuação desse profissional, no mercado de trabalho, para verificar a permanência ou não das características do ofício nesses contextos.

Assim, por meio de um estudo quantitativo, poderíamos aprofundar as informações coletadas com o estudo qualitativo e analisar a dimensão das mudanças que se operam no ofício. Poderíamos, então, descobrir se as mudanças verificadas no ofício contribuiriam para sua permanência ou seu desaparecimento. E estaríamos, nesse caso, realizando a integração metodológica no formato de triangulação, na classificação de Bericat (1998).

A partir dessa experiência, foi possível visualizar ainda mais claramente que a discussão sobre a polêmica *qualitativo versus quantitativo* não faz sentido, quando da prática de pesquisa. Pois, a conjugação metodológica favorece o desenvolvimento de um conhecimento que considera as especificidades e singularidades do fenômeno social permitindo, assim, ampliar a compreensão da realidade pesquisada.

CONCLUSÃO

A falência do modelo baseado no movimento pendular, observado por Alexander (1987), no campo teórico, também se manifesta no campo metodológico. Estamos vivenciando debates que parecem nos levar a uma encruzilhada. A eleição de uma metodologia e a marginalização da outra não é mais plausível, dada a observação de que não são excludentes e podem ser usadas de forma integrada.

A superação da dicotomia entre a Metodologia Qualitativa e a Metodologia Quantitativa nas Ciências Sociais passa a ser observada através da integração metodológica que, a cada dia, se torna mais frequente nas pesquisas sociais.

Como nos lembra Boudon (1989), a existência de uma gama de métodos nas Ciências Sociais se dá em função da grande variedade de problemas sobre os quais esse campo científico se debruça. Assim, a abordagem metodológica segue o mesmo padrão, sendo que, apenas um estilo metodológico tende a ser insuficiente para dar conta da diversidade do fenômeno social.

Cabe observar que a pouca discussão sobre a possibilidade da integração metodológica e o baixo número de trabalhos publicados a esse respeito acaba por deixar a falsa impressão da permanência do antagonismo entre as abordagens qualitativa e quantitativa. A possibilidade de conjugação das duas metodologias tem como vantagem não apenas a superação dessa polêmica, mas, também, um ganho para o conhecimento científico como um todo, já que pode garantir estudos de maior validade e respaldo científico, pois o uso conjugado de técnicas qualitativas e quantitativas abre novas perspectivas de análise, por possibilitar a superação das limitações de cada uma.

Percebe-se que não é possível isolar o elemento subjetivo do comportamento humano, porém é preciso garantir a intersubjetividade, para que se possa alcançar um grau de cientificidade adequado à prática científica. Se por um lado a metodologia quantitativa parece responder mais facilmente a esta questão, a metodologia qualitativa pode enriquecer o arsenal analítico do permitir avaliações que contemplem a singularidade do fenômeno.

Atente-se para as colocações de Weber (1993) e de Demo (1985) que demonstram ser a ciência produto humano, inserida em um contexto histórico, cultural, político e também ideológico, o que influencia as escolhas do pesquisador por determinados tipos de objetos.

Torna-se, assim, ingênuo pensar que essas escolhas se dão de forma totalmente isenta e imparcial.

Segundo Weber, nossas atenções estão voltadas para objetos que dizem respeito à nossa realidade e, nesse sentido, o que selecionamos para estudar se insere em um contexto maior em que nos formamos como pesquisadores e adquirimos conhecimento sobre a ciência e sua perspectiva. Daí a importância de se ampliar o debate sobre a integração metodológica no meio acadêmico.

É fundamental que o pesquisador seja consciente de suas preferências. Caso assuma uma opção metodológica em detrimento da outra, que o faça por razões analíticas, e não elimine novas possibilidades em função de estereótipos e preconceitos em relação a um ou outro método. Além disso, cabe ao pesquisador avaliar o método no que ele tem de melhor para realizar seu estudo – o que dependerá, então, do objeto a ser investigado, bem como daquilo que se pretende descobrir sobre esse objeto. Lembramos que o estudo poderá se beneficiar da integração metodológica, pois esta estratégia favorece o processo investigativo ao potencializar um método pela utilização de técnicas de outro.

Segundo Bericat (1998), a dicotomização das opções metodológicas tem efeito perverso, em primeiro lugar, ao ocultar outras possibilidades de procedimento analítico. Em segundo lugar, a aplicação convencional e acrítica da metodologia por parte dos investigadores, que tomam as opções convencionais como se se tratassem de opções únicas e reais, acaba por gerar uma seguridade e confortabilidade metodológica que limita a aplicação criativa e impede o aperfeiçoamento futuro. E, poderíamos acrescentar, isso favorece posturas preconceituosas quanto a uma ou outra vertente metodológica.

É através da análise da natureza do objeto, tendo em vista as possibilidades e contribuições que cada abordagem pode oferecer, que se define a metodologia, e não o contrário. O presente trabalho nos serviu para reavaliar a idéia de que um método seria superior a outro. Essa condição só se faz verdadeira, a partir da situação da pesquisa e não fora dela.

Em relação ao uso dos métodos de investigação, a postura de Becker (1997) nos parece bastante adequada, ao propor que os sociólogos se sintam mais livres para inventar métodos capazes de resolver os problemas da pesquisa que estão fazendo. Com isso, ampliam-se as possibilidades de investigação e o pesquisador passa a ter a responsabilidade de criar alternativas metodológicas que dêem conta do objeto que estuda, abrindo o espaço a

alternativas que, em muitos casos, podem se utilizar da integração metodológica como estratégia para dar conta da diversidade do objeto das Ciências Sociais.

Acreditamos que, através da integração metodológica, é possível sair da visão de antagonismo que reduz a gama de possibilidades de investigação às duas abordagens – a quantitativa e a qualitativa. Pesquisas já realizadas e aqui apresentadas mostram que trabalhar de forma isolada com um ou outro método pode ser inadequado para tratar um objeto tão complexo quanto o fenômeno social. Unir as duas opções de pesquisa, utilizar as duas formas de ver o objeto, certamente, trará benefícios para a ampliação de compreensão desse objeto em foco. Como cientistas sociais, queremos iluminar o campo do conhecimento sobre os seres humanos que somos, vivendo em contextos sociais específicos. E isso poderá ser feito mais proficuamente, como aqui o demonstramos, com o uso das duas abordagens metodológicas, ora como Combinação, ora como Complementação uma da outra, ora como Triangulação, segundo as ideias de Bericat (1998).

Não pretendendo esgotar o tema, mas, sim, ampliar e aprofundar as discussões, este trabalho se propôs trazer à tona os indícios que mostram que a dicotomização metodológica deve ser superada, para a construção de uma alternativa mais promissora, visando à construção do conhecimento mais abrangente sobre o fenômeno social. Acreditando ser a integração metodológica uma alternativa metodológica nessa direção, esperamos que outros pesquisadores ofereçam, também, suas contribuições para esse debate, pois observamos que a pouca produção científica sobre o tema tem contribuído para a permanência da visão dicotômica no campo das Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. Observação participante e *Survey*: uma experiência de conjugação. In: NUNES, Edson (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 125-151.
- ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n. 4, v. 2, Jun/ 1987., p. 5-27.
- BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de Survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. 2. ed. ampl.. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BERICAT, Eduardo. *La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social: significado y medida*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.
- BOUDON, Raymond. *Os métodos em Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.
- BURKE, Peter. Modelos e métodos. In: _____. *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 39-66.
- CONVERSE, Jean M. e STANLEY Presser. *Survey Questions: Handcrafting the Standartized Questionnaire*. Beverly Hills: Sage, 1986.
- CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. *Cadernos de Sociologia*, UFRGS, Porto Alegre, v. 9, 1998. p. 11-47.
- DEMO, Pedro. A construção científica. In: _____. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Ed. Atlas, 1985. p 29-65.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FAZZI, Rita de Cássia. *O drama racial das crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOWLER, F. J. Improving survey questionnaires: In: _____. *Design and evaluation. Thousand Oaks*. CA: Sage Publications, 1995.
- FOWLER, F. J. How unclear terms affect survey data. *Public Opinion Quartely*, n. 56, 1992. p.218-223

GEER, John G. What do open-ended questions measure? *Public Opinion Quarterly*, n.52, 1988. p. 365-371.

GILHAM, M.; GRANBERG, D. Should we take don't know for an answer? *Public Opinion Quarterly*, 1993. p. 348-357.

GUIMARÃES, Daise Menezes. *A permanência do ofício de alfaiate em um contexto industrial*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. (Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais)

KING, Gary; KEOHANE, Robert O.; VERBA, Sidney. The science in social science. In: _____. *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research*. New Jersey: Princeton University Press, 1994. p. 3-33.

NEVES, Clarissa Baeta. Apresentação. *Cadernos de Sociologia*. UFRGS, Porto Alegre, v. 9, 1998. p 7-9.

OKSENBERG, L., CANNELL, C. F., e KALTON, G. New strategies for pretesting survey questions. *Journal of Official Statistics*. v. 7 n.3, 1991. p. 349-365.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Vila Senhor dos Passos: diagnóstico cultural e plano de ação*. Belo Horizonte, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível” In: SIMSON, Olga de Moraes von (org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RICHARDSON, Robert Jarry *et al.*. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre a ciência*. 9. ed. Lisboa: Edições Afrontamento, 1997.

SIEBER, Sam D. The integration of fieldwork and survey methods. *American Journal of Sociology*, v.78, n. 6, 1973. p 1335-1359.

WEBER, Max. A ‘objetividade’ do conhecimento na ciência social e na ciência política - 1904. In: _____. *Metodologia das ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. p 107-154.